

Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





Lawrence  
Daher 161 41 922



# PRIMEIROS CANTOS

POESIAS

DE

*A. Gonçalves Dias*



**RIO DE JANEIRO**

EM CASA DE

**EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT**

Rua da Quitanda n.º 77

1846

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT,  
Rua do Lavradio, 53,



## PROLOGO.

Dei o nome de « PRIMEIROS CANTOS » ás poesias que agora publico, porque espero que não serão as ultimas.

Muitas dellas não tem uniformidade nas strophes, porque despréso regras de mera convenção; adoptei todos os rhythmos da metrificacão portugueza, e usei delles como me parecerão quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Não tem unidade de pensamento entre si, porque forão compostas em epochas diversas — debaixo de céo diverso — e sob a influencia de impressões momentaneas. Forão compostas nas margens viçosas do Mondêgo e nos pincaros ennegrecidos do Gerez — no Doiro e no Tejo — sobre as vagas do Atlantico, e nas florestas vir-

gens da America. Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-hei se agradarem, e se não... é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.

Com a vida isolada que vivo, gósto de afastar os olhos de sobre a nossa arena politica para lêr em minha alma, reduzindo á lingoagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as idéas que em mim desperta a vista de uma paysagem ou do oceano — o aspecto emfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento — o coração com o entendimento — a idéa com a paixão — colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia — a Poesia grande e sancta — a Poesia como eu a comprehendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

O esforço — ainda vão — para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor : talvez seja este o só merecimento deste volume. O Publico o julgará; tanto melhor se elle o despreza, porque o Auctor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta.

Rio de Janeiro — Julho de 1846.



# POESIAS AMERICANAS

Les infortunes d'un obscur habitant des bois  
auraient-elles moins de droits à nos pleurs que  
celles des autres hommes ?

CHATEAUBRIAND.



## CANÇÃO DO EXILIO\*

Kennst du das Land wo die Citronen blühen,  
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen,  
Kennst du es wohl? — Dahin, dahin!  
Möcht'ich — ziehn.

G ö t t e .

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorgeião,  
Não gorgeião como lá.

Nosso céo tem mais estrellas,  
Nossas varzeas tem mais flores,  
Nossos bosques tem mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Quando eu compuz esta canção, ou como melhor se chame,  
tinha apenas visto algumas das Provincias do Norte do Brazil.

Em scismar — sósinho — á noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que taes não encontro eu cá;  
Em scismar — sósinho — á noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permitta Deos que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que eu desfructe os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Coimbra — Julho 1843.



**O CANTO DO GUERREIRO<sup>1</sup>**

## I.

Aqui na floresta  
Dos ventos batida,  
Façanhas de bravos  
Não gerão escravos,  
Que estimão a vida  
Sem guerra e lidar.  
— Ouvi-me, Guerreiros,  
— Ouvi meo cantar.

## II.

Valente na guerra  
Quem ha como eu sou?  
¿ Quem vibra o tacape<sup>2</sup>  
Com mais valentia,

## PRIMEIROS CANTOS

Quem golpes daria  
 Fataes — como eu dou?  
 — Guerreiros, ouvi-me;  
 — Quem ha como eu sou?

## III.

Quem guia nos ares  
 A frexa implumada,  
 Ferindo uma preza  
 Com tanta certeza  
 Na altura arrojada  
 Onde eu a mandar?  
 — Guerreiros, ouvi-me,  
 — Ouvi meo cantar.

## IV.

Quem tantos imigos  
 Em guerras preou?  
 Quem canta seos feitos  
 Com mais energia,  
 Quem golpes daria  
 Fataes — como eu dou?  
 — Guerreiros, ouvi-me:  
 — Quem ha como eu sou?

## V.

Na caça ou na lide,  
 Quem ha que me affronte?!



A onça raivosa  
Meos passos conhece,  
O imigo estremece,  
E a ave medrosa  
Se esconde no céu.  
— Quem ha mais valente,  
— Mais dextro do que eu?

## VI.

Se as matas strújo  
Co'os sons do Boré<sup>3</sup>,  
Mil arcos se encurvão,  
Mil setas lá vôão,  
Mil gritos rebôão,  
Mil homens de pé  
Eis surgem — respondem  
Aos sons do Boré!  
— Quem é mais valente,  
— Mais forte quem é?

## VII.

Lá vão pelas matas;  
Não fazem ruido :  
O vento gemendo,  
E as matas tremendo  
E o triste carpido  
D'uma ave a cantar.

São elles — guerreiros,  
Que eu faço avançar.

## VIII.

E o Piaga<sup>4</sup> se rugo  
No seo Maracá<sup>5</sup>,  
A morte lá paira  
Nos ares frexados,  
O campo juncado  
De mortos é já :  
Mil homens viverão,  
Mil homens são lá.

## IX.

E então se de novo  
Eu tóco o Boré,  
Qual fonte que salta  
De rocha empinada,  
Que vai marulhosa,  
Fremente e queixosa,  
Que a raiva apagada  
De todo não é,  
Tal elles se escôão  
Aos sons do Boré.  
— Guerreiros, dizei-me,  
— Tão forte quem é?



**O CANTO DO PIÁGA<sup>6</sup>.****1.**

O' Guerreiros da Taba sagrada,  
O' Guerreiros da Tribu Tupi<sup>7</sup>,  
Fallão Deoses nos cantos do Piaga,  
O' Guerreiros, meos cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta —  
Anhangá<sup>8</sup> me vedava sonhar;  
Eis na horrivel caverna que habito  
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos — inquieto — medroso,  
Manitô<sup>9</sup>! que prodigios que eu vi!  
Arde o páo de resina fumosa,  
Não fui eu — não fui eu, que o accendi!

Eis rebenta a meos pés um phantasma ,  
 Um phantasma d'immensa extensão ;  
 Liso craneo repousa a meo lado ,  
 Feia cóbra se enrosca no chão.

O meo sangue gelou-se nas veias ,  
 Todo inteiro — ossos — carnes — tremi ,  
 Frio horror me côou pelos membros ,  
 Frio vento no rosto senti.

Era feio — medonho — tremendo ,  
 O' Guerreiros — o espectro que eu vi .  
 Fallão Deoses nos cantos do Piaga ,  
 O' Guerreiros , meos cantos ouvi !

## II.

Porque dormes , ó Piaga divino ?  
 Começou-me a Visão a fallar ,  
 Porque dormes ? O sacro instrumento <sup>10</sup>  
 De per si já começa a vibrar .

Tu não viste nos céos um negrume  
 Toda a face do sol offuscar ;  
 Não ouviste a coruja , de dia ,  
 Seos estridulos torva soltar ?

Tu não viste dos bosques a coma  
 Sem aragem — vergar-se — gemer,  
 Nem a lua entre nuvens de fogo,  
 Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó Piaga divino!  
 E Anhangá te proíbe sonhar!  
 E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,  
 E não podes augúrios cantar?!

Ouve os sons do phantasma tremendo,  
 Ouve os sons do fiel maracá;  
 Manitôs já fugirão da Taba!  
 O' desgraça — ó ruína — ó Tupá! <sup>11</sup>

## III.

Pelas ondas do mar sem limites  
 Basta selva — sem folhas — li vem;  
 Hartos troncos, robustos, gigantes;  
 Vossas matas taes monstros contêm.

Trás embira dos cimos pendente  
 — Brenha espessa de vario cipó —  
 Dessas brenhas contêm vossas matas,  
 Taes e quaes — mas com folhas; — é só!

Negro monstro os sustenta por baixo  
Branças azas abrindo ao tufão,  
Como um bando de candidas aves,  
Que nos ares pairando — lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das aguas,  
O marinho prodigio arrancar?  
Nossas terras — demanda — fareja...  
Esse monstro... — que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?  
Não sabeis a que vem — o que quer?  
Vem matar vossos bravos guerreiros,  
Vem roubar-vos a filha — a mulher.

Vem traser-vos crueza — impiedade —  
Dons crueis do cruel Anhangá;  
Vem quebrar-vos a maça valente,  
Profanar manitôs — maracás.

Vem traser-vos algemas pesadas,  
Com que a tribu Tupi vai gemer,  
Hão de os velhos servirem de escravos,  
Mesmo o Piaga inda escravo ha de ser.

Fugireis procurando um asilo,  
Triste asilo por invio sertão;

Anhangá de praser ha de rir-se  
Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos Deoses, ó Piaga, conjura,  
Susta as iras do férō Anhangá.  
Manitós já fugirão da Taba,  
O' desgraça — ó ruina — ó Tupá!



**O CANTO DO INDIO.**

Quando o sol vae dentro d'agoa  
Seos ardores sepultar,  
Quando os passaros nos bosques  
Principião a trinar;

Eu a vi, que se banhava....  
Era bella, ó Deoses, bella,  
Como a fonte cristalina,  
Como luz de meiga estrella.

O' Virgem, Virgem dos Christãos formosa,  
Porque eu te visse assim, como eu te via,  
Calcára agros espinhos sem queixar-me  
Que eu fôra, por te vêr, bem venturoso.



O tacápe fatal em terra estranha <sup>12</sup>  
Sobre mim sem temor veria erguido ;  
Dessem-me a mim sómente vêr teu rosto  
Nas agoas, como a lua, retratado.

Eis que os seos loiros cabellos  
Pelas agoas se espalhavão,  
Pelas agoas, que de vel-os  
Tão loiros se enamoravão.

Ella erguia o collo eburneo  
Porque melhor os colhesse;  
Niveo collo, que eu te visse,  
Que eu de amores não morresse!

Passára a vida inteira a contemplar-te,  
O' Virgem, loira Virgem tão formosa,  
Sem que dos meos irmãos ouvisse o canto,  
Sem que os sons do Boré que incita á guerra  
Me infiltrasse o valor que m'has roubado,  
O' Virgem, loira Virgem tão formosa.

Ás vezes, quando um sorriso  
Os labios seos entreabria,  
Era bella, oh ! mais que a aurora  
Quando a raiar principia.

Outra vez — d'entre os seos labios  
Uma voz se desprendia ;  
Terna voz, cheia de encantos,  
Que eu entender não podia.

Que importa? Esse fallar deixou-me n'alma  
Sentir d'amores tão sereno e fundo,  
Que a vida me prendeo, vontade e tudo.  
Ah! que não queiras tu viver commigo,  
O' Virgem dos Christãos — Virgem formosa!

Sobre a areia — já mais tarde  
Ella surgiu toda núa ;  
Onde ha, ó Virgem, na terra  
Formosura como a tua?

Bem como gotas de orvalho  
Nas folhas de flôr mimosa,  
Do seo corpo a onda em fios  
Se deslisava amorosa.

Ah! que não queiras tu vir ser rainha  
Aqui dos meos irmãos, como eu rei delles!  
Escuta, ó Virgem dos Christãos formosa,  
Odeio tanto os teos, como eu te adóro;

Mas queiras tu ser minha, que eu prometto  
Vencer por teu amor meo odio antigo,  
Trocar a maça do poder por ferros  
E ser — por te gosar — escravo delles.



**O MORRO DO ALECRIM.**

## I.

Cachias, como és bella! — no deserto,  
Entre montanhas, derramada em valle  
    De flores perennaes,  
És qual tenue vapor que a brisa espalha  
No frescor da manhã meiga soprando  
    À flor de manso lago.

Tu és a flor que despontaste livre  
Por entre os troncos de robustos cédros,  
    Forte — em gleba inculta;  
És qual gazella que o deserto educa  
No ardor da sésta debruçada exangue  
    À margem da corrente.

Não tens em molle seda occulto as graças,  
Não cinges d'ouro a fronte que descanças  
    Na baze da montanha;  
És bella como a virgem das florestas,  
Que vê nas agoas desenhar-se as formas,  
    Firmada em tronco annoso.

Que monte alem se eleva negrejante!  
Na arcia a baze enterra, e o dorso ingente  
De rija pedra mosqueado amostra;  
Esteril como elle é, dizer parece  
Que a ira do Senhor ardendo em raios  
A seve d'hartos troncos — de mil annos  
Apagou — consumo — n'um breve iustante.

Mas não; a rubra côr que ahi se enxerga  
    É sangue que correo;  
Cada pedra que li jaz encerra a historia  
    D'um bravo que morreo.

E raios mil de guerra em morte involtos  
Já lá do cimo agreste da montanha  
Sibilando e gemendo á funda baze  
    Baixarão sussurrando.

É do povo o Sinai, que o nobre sangue  
Independente e forte — em lide accessa

Na arena derramou ;  
E o filho inda lá vai cheio de orgulho ,  
Do pae beijando o sangue em largos traços  
Que a pedra conservou.

## II.

E quando alva lua no céo vai brilhando  
O disco formoso lusente mostrando ,  
Então quando as ondas mais vividas crescem  
E mais contra a praia a bramir se enfurecem ;  
Descendo das nuvens ao monte orgulhoso  
Infausta se amóstra sinistra figura ,  
Mais negra que as trevas, que fôra pasmoso  
Ser esse phantasma de humana natura.

E quando é que se vê? — Quando nos bosques  
A flôr mais puro seo perfume exhala ,  
Quando nas folhas o sussurro morre ,  
Quando das aves o gorgείο pára.

Quando immundo tatú na conxa involto  
Vai de manso volver minada campa ,  
E a coruja sedenta a luz dos mortos  
No fronteiro pano da muralha estampa.

Desde quando apparece? — Ninguem sabe,  
E talvez appareça sem ter fim;  
Só um em cujo peito horror não coube  
Já do phantasma a voz ouviu assim.

Manito <sup>13</sup> — Manito — cobriste o teu rosto  
Com denso velamen de pennas gentis;  
E jazem teos filhos clamando vingança  
Dos bens que lhes deste da perda infelis!

Manito — Manito — descobre o teu rosto,  
Bastante nos pêsá da tua vingança;  
Já lagrimas tristes chorarão teos filhos,  
Teos filhos que chórão tão grande mudança.

O triste Anhangá de mui longe nos trouxe  
Filhos de Tupan, essa raça damnada,  
Emvão deu-lhe off'rendas o Piaga divino  
Tocando a maráca na dança sagrada.

Emvão neste monte lhe veio offerlar  
A pel'maculada de tigre raivoso,  
E fructos, e fructas — e a pel'cambiante  
Da Bóa vistosa de corpo pasmoso.

Manito — Manito — cobriste o teu rosto  
Com denso velamen de pennas gentis;

E jazem teos filhos clamando vingança  
Dos bens que lhes déste da perda infeliz.

Teos filhos valentes, temidos na guerra,  
No albor da manhã quão fortes que os vi!  
A morte pousava nas plumas da frexa,  
No gume da maça, no arco tupi.

E hoje em que apenas a enchente do rio  
Cem vezes hei visto crescer — abaixar. .  
Já restão bem poucos dos teos qu'inda possão  
Dos seos, que já dormem, os ossos levar.

Teos filhos valentes causavão terror  
Teos filhos enchião as bordas do mar,  
As ondas coalhavão de estreitas igáras  
De frexas cubrindo os espaços do ar.

Já hoje não cáção nas matas tão suas  
A corça ligeira — o trombudo coati.  
A morte pousava nas plumas da frexa,  
No gume da maça — no arco tupi.

O Piaga nos disse que breve seria,  
Manito, dos teos a cruel punição;  
E os teos inda vagão por serras, por valles,  
Buscando um asilo por invio sertão!



Manito — Manito — descobre o teu rosto ,  
Bastante nos pêsas da tua vingança ;  
Já lagrimas tristes chorarão teos filhos ,  
Teos filhos que chórão tão grande tardança.



## NOTAS ÀS POESIAS AMERICANAS.

<sup>1</sup> Estes cantos para serem *comprehendidos* precisão de ser confrontados com as relações de viagens, que nos deixarão os primeiros descobridores do Brazil e os viajantes Portuguezes, Francezes e Allemães, que depois delles se seguirão.

<sup>2</sup> Tacape — arma offensiva, especie de maça contundente, usada na guerra e nos sacrificios.

<sup>3</sup> Boré — instrumento musico de guerra, pouco menor que o Figli; — dá apenas algumas notas, porem mais asperas, e talvez mais fortes, que as da Trompa.

<sup>4</sup> Piagè — piaches — piayes ou piaga (que mais se conforma á nossa pronuncia), era ao mesmo tempo o Sacerdote e o Medico, e Augure e o Cantor dos indigenas do Brazil e d'outras partes da America.

<sup>5</sup> Maracá — entre os Indios, o instrumento sagrado, como o Psalterio entre os Hebreos, ou o Orgão entre os Christãos; era uma

cabaça crivada, cheia de pedras ou bozios, e atravessada por um haste ornado de pennas multi-cores, que lhe servia de cabo. O antigo viajante Rolonx Baro testemunha da veneração que os Indios lhe tributavão, chamava-a « *Le diable porté dans unealebasse* » o diabo dentro d'uma cabaça. A esta palavra vão alguns modernos buscar a etymologia da palavra — America.

6 Já tive occasião de explicar quaes erão as funções dos Piagas; accrescentarei alguma coisa sobre o seo modo de viver. — Erão Anachoretas austeros, que habitavão cavernas hediondas, nas quaes, sob pena de morte, não penetravão profanos. Vivendo rigida sóbriamente, depois de um longo e terrivel noviciato, ainda mais rigido do que a sna vida, erão elles um objecto de culto e de respeito para todos; erão os dominadores dos chefes — a baliza formidavel que felizmente se erguia entre o conhecido e o desconhecido — entre a tão exigua sciencia d'aquelles homens e a tão desejada revelação dos espiritos.

7 Não forão os Tupis os primeiros incolas do Brazil? — Eis uma questão de raças bem difficil de ser resolvida, e que ha de algum dia occupar os sabios quando a investigação se tornar impossivel. É opinião quasi geralmente seguida, que delles descendem todas as raças americanas d'entre o Prata e o Amazonas. A generalidade do seu dialecto, o mais rico de todos, prova não só que elles erão os mais civilizados (devendo por consequencia ser os mais antigos), como tambem que os outros Indios provinhão delles, porque vivendo incommunicaveis como tribus barbaras, que erão, entendião e fallavão esse dialecto. Sendo verdadeira esta opinião, serião os Tupis os Judeos da America.

8 Anhangá — genio do mal — o mesmo que Lery chama *Aignan*, e Hans Stade *Ingange*.

9 Manitôs — uns como penates que os Indios veneravão. O seu desaparecimento augurava calamidade sobre a tribu de que elles houvessem desertado.

10 O Maracá.

11 Topá ou Topan — Deos — o ente immenso, incomprehensivel e todo poderoso — o genio do bem, como Anhangá o do mal. o Orosmane e Arimane dos Persas.

12 Como entre os Romanos a palavra — *hostis* — servia para designar tanto o inimigo como o estrangeiro, assim tambem entre os povos barbaros designa se o estrangeiro com a mesma palavra que serve para indicar o inimigo.

13 Nesta composição variei os accentos de alguns vocabulos provavelmente indigenas, porque publico estas poesias mais para ensaio do que para outro fim.



## **POESIAS DIVERSAS**



## O SOLDADO HESPAÑHOL.

Un soldat au dur visage.

V. HUGO.

### I

Oh! qui revelera les troubles, les mysteres  
Que ressentent d'abord deux amans solitaires  
Dans l'abandon d'un chaste amour \*

AMOUR ET FOI.

O céu era azul tão meigo e tão brando,  
A terra tão erma, tão quieta e saudosa,  
Que a mente exultava — mais longe escutando  
O mar a quebrar-se na praia arenosa.

O céu era azul, e na côr similhava  
Vestido sem nodoa de pura donzella;  
E a terra era a noiva que bem se arceiava,  
De flôr — de matises tão vária e tão bella.

Ella era brilhante,  
 Qual raio do sol;  
 E elle orgulhoso,  
 De sangue hespanhol.

E o Hespanhol muito amava  
 A virgem tão pura e bella;  
 Ella amante, — elle zeloso  
 Dos amores da donzella;  
 Elle, tão nobre e folgando  
 De chamar-se escravo della!

E elle disse: — Vês o céu? —  
 E ella disse: — Vejo, sim;  
 Mais pulido que o pulido  
 Do meo véo azul setim. —  
 Torna-lhe elle... (oh! quanto é doce  
 Passar-se uma noite assim!)

— Por entre os vidros pintados  
 D'igreja antiga, a luzir  
 Não vês luz? — Vejo. — E não sentes  
 De a vêres meigo sentir?  
 — É doce ver entre sombras  
 A luz do templo a luzir!

— E o mar — alem — preguiçoso  
 Não vês tu em calmaria?



— É bello o mar, porem sinto,  
Só de o ver, melancolia.

— Que mais o teu rosto enfeita  
Que um sorriso de alegria.

— E eu também acho em ser triste,  
Do que alegre, mais prazer;  
Sou triste quando em ti penso  
Que só me falta morrer;  
Essa tua voz mimosa  
Vem minha alma entristecer.

— E eu sou feliz, como agora,  
Quando me fallas assim;  
Sou feliz quando se riem  
Os labios teos de carmim  
Quando dizes que me adoras  
Eu sinto um céu dentro em mim.

— És tu só meu Deus, meu tudo,  
És tu só meu puro amar,  
És tu só que o pranto podes  
Dos meus olhos enxugar. —  
Com ella repete o amante:  
— És tu só meu puro amar.

E o céu era azul, tão meigo e tão brando,  
E a terra tão erma. tão só — tão saudosa.

Que a mente exultava — mais longe escutando  
O mar a quebrar-se na praia arenosa.

## II

*Ainsi donc aujourd'hui, demain, apres encore.  
Il faudra voir sans toi naitre et mourir l'aurore.  
V. Hugo.*

E o Hespanhol viril, nobre e formoso,  
No bandolim  
Seos amores cantava mavioso  
Dizendo assim :

Ja me vou por mar em fóra  
D'aqui longe mover guerra,  
Ja me vou deixando tudo —  
Meos amores — minha terra.

Ja me vou lidar em guerras,  
Vou-me á India occidental;  
Hei de ter novos amores..  
De guerras, não temas al.

Não chóres, não, tão coitada,  
Não chóres por t'eu deixar,  
Não chóres, que assim me custa  
O pranto meo soffrear.

Não chóres! — sou como o Cid  
Partindo para a campanha;  
Não ceifarei tantos loiros,  
Mas terei pena tamanha. —

E a amante que assim o via  
Partir-se tão desditoso,  
Vai, mas volta; — lhe dizia —  
Volta sim. victorioso.

— Como o Cid, oh! crua sorte!  
Não me vou nesta campanha  
Guerrear contra o Crescente,  
Porem sim contra os de Hespanha!

Não me aterrão, porem sinto  
Cerrar-se o meo coração.  
Sinto deixar-te, meo anjo,  
Meo prazer, minha affeição.

Como é doce o romper d'alva,  
É me doce o teo sorrir,  
Doce e puro, qual d'estrella  
De noite o meigo luzir.

Erão meos teos pensamentos,  
Teo prazer minha alegria,  
Doirada fonte de encantos,  
Fonte da minha poesia.

Vou-me longe — e o peito levo  
 Rasgado de acerba dor,  
 Mas commigo vão teos vótos,  
 Teos encantos teo amor.

Ja me vou lidar em guerras,  
 Vou-me á India occidental;  
 Hei de ter novos amores.  
 De guerras. não temas al.

Era esta a canção que acompanhava  
 No bandolim,  
 Tão triste, que de triste não chorava  
 Cantando assim.

### III

O Conde deu o signal da partida.

— Á caça! meus amigos.

BUNCEA.

« Quero, pagens, sellado o ginete,  
 Quero em punho nebris e falcão,  
 Qu'è promessa de grande caçada  
 Fresca aurora d'amigo verão.

» Quero tudo luzindo, brilhante,  
 — Curta espada, e venablo e punhal; —

Cães e galgos farejem diante  
Leve odor de sanhudo animal.

» E ai do gamo que eu vir na coutada,  
Corça, onagro que eu primo avistar!  
Que o venablo nos ares voando  
Lhe hade o salto no meio quebrar.

» Eia, avante! — Dizia folgando  
O fidalgo, mancebo loução.  
Eia, avante! — e ja todos galopão  
Traz do moço, soberbo, infanção.

E partem, qual do arco arranca e vôa  
Nos amplos ares, mais veloz que a vista,  
A plumea seta da intesada corda.  
Longe o echo rebôa; — ja mais fraco, —  
Mais fraco ainda, pelos ares vôa.  
Dos cães o froucho uivar se escuta apenas,  
Dos ginetes tropel, rinchar partido,  
Que mal traz o tufão mingoado e fraco.  
Ja som nenhum se escuta... que! latido  
De cães — ao longe — incerto? — Não, foi vento  
Na torre castellã batendo acaso,  
Não seteiras acaso sibilando  
Do castello feudal — deserto agora.

## IV

Vois, a l'horizon

Aucune maison?

— Aucune.

V. Hvee.

Ja o Sol se escondeo; — cobre a terra  
Bello manto de froucho luar :  
E o ginete , que esporas atracão ,  
Nitre e corre sem nunca parar.

Da coutada nas invias ramagens  
Vai sosinho o Mancebo infanção ;  
Vai sosinho , afanoso , trotando  
Sem temores , sem pagens , sem cão.

Companheiros da caça ha perdido ,  
Ha perdido no accezo caçar ;  
Ha perdido , e não sente receio  
De sosinho , nas sombras , trotar.

Corno eburneo embocou muitas vezes ,  
Muitas vezes de si deo signal ;  
Bebe attento resposta , e não ouve  
Outro som responder-lhe ; — ainda mal !

E o ginete, que esporas atracão,  
Nitre e corre sem nunca parar.  
Ja o sol se escondeo; — cobre a terra  
Bello manto de froucho luar.

## V

De roses

Arrosée,

La rose a moins de fraîcheur.

Haraiqua IV.

Silencio grato da noite  
Quebrão sons d'uma canção,  
Que vai dos labios d'um anjo  
Do que escuta ao coração.

Dizia a letra mimosa  
Saudades de muito amar;  
E o infanção enleiado  
Attento — poz-se a escutar.

Era encantos voz tão doce,  
Incentivo essa ternura,  
Gerava delicias n'alma  
Sonhar tamanha ventura.

Queixosa cantava a esposa  
Do guerreiro que partio ;  
Largos annos são passados ;  
Missiva d'elle não vio.

Parou!.. escutando perto  
Responder-lhe outra canção ;  
Era doce a voz que ouvia,  
Lisongeira — do infanção.

Tenho castello soberbo  
N'um monte, que beija um rio ;  
De terras tenho no Doiro  
Geiras mil de lavradio ;

Tenho lindas haquenéas ,  
Tenho pagens e matilha ,  
Tenho os melhores ginetes  
Dos ginetes de Sevilha ;

» Tenho punhal, tenho espada  
D'Alfageme alta feitura ,  
Tenho lança, tenho adága,  
Tenho complecta armadura ;

Tenho fragatas que cingem  
Dos marés a limpha clara ,



Que vão preiando piratas  
Pelas rochas de Megara.

» Dou-te o castello soberbo  
E as terras do fertil Doiro,  
Dou-te ginetes e pagens  
E a espada de pomo d'oiro.

Dera a complecta armadura,  
E os meos barcos d'alto-mar,  
Que nas rochas de Megara  
Vão piratas cativar.

» Falla d'amores teo canto,  
Falla d'acceza paixão...  
Bella Dona, oh! quem tivera  
Dos agrados teos condão.

» Eu sou Mancebo, sou Nobre,  
Sou nobre moço Infanção;  
Assim podesse o meo canto  
Algemar-te o coração,  
Oh Dona, que eu dera tudo  
Por vencer-te essa isenção! »

Attenta escutava a esposa  
Do guerreiro que partio,

E largos annos passados  
 Missiva d'elle não vio;  
 Mas da letra que escutava  
 Delicias n'alma sentio.

## VI

*Si tu voulais, Madeleine,  
 Je te ferais châtelaine ;  
 Je suis le comte Roger ; —  
 Quitte pour moi ces chaumières  
 A moins que tu ne préfères  
 Que je me fasse berger. —*

V. Héro.

E n'outra noite saudosa  
 Bem junto d'ella sentado,  
 Cantava brandas endeixas  
 O Gardingo namorado.

« Careço de ti, meo anjo,  
 Careço do teo amor,  
 Como da gota d'orvalho  
 Carece no prado a flôr.

Prazeres que eu não sonhava  
 Teo amor me fez gosar;  
 Bella Dona, oh! que não queiras  
 A dita minha acabar!

O teu marido é já morto,  
 (Noticia d'elle não sôa)  
 Pois d'esta gente guerreira  
 Bastos ceifa a morte á tôa.

• Ventura me fora ver-te  
 Nos labios teos um sorriso,  
 Delicias me fora amar-te,  
 Gosar-te meo paraíso.

• Sinto afflicção quando chóras,  
 Se te ris sinto prazer,  
 Se te ausentas fico triste,  
 Que eu preferira morrer.

• Careço de ti, meo anjo,  
 Careço do teu amor,  
 Como da gota d'orvalho  
 Carece no prado a flôr. »

## VII

L'époux, dont nul ne se souvient,  
 Vient;  
 Il va punir ta vie infâme,  
 Femme!  
 V. Heco.

Era noite hibernal; — girava dentro  
 Da casa do guerreiro o riso, a dança,

E reflexos de luz, e sons e vozes  
E deleite e prazer: — e fóra, a chuva,  
Tempestade, tufão e vento e gelo.  
Na geral confusão os céos, e a terra  
Horrenda sympathia alimentavão.

Ferve dentro o prazer, — reina o sorriso,  
Palpita dentro o amor em mil delirios;  
E fóra a teritar, gelada e fria  
Marcha a vingança pressurosa e tôrva.  
Traz na dextra o punhal, rancôr no peito,  
Nas faces pallidez, nos olhos morte.

O Infanção extremoso enchia rasa  
A taça de licor mimoso e velho,  
Da uzança ao brinde convidando a todos  
Em honra da esposada. — Á noiva! exclama.

E a porta range e cede, e franca e livre  
Introduz o tufão, e um vulto assoma  
Altivo e colossal. — Em honra, brada,  
Do esposo deslembrado! — e a taça empunha.  
Mas antes que o licor chegasse aos labios  
Desmaiada e por terra jaz a esposa,  
E a dextra do Infanção maneja o ferro,  
Porque tão grande affronta lave o sangue  
Pouco — bem pouco — para tanta injuria.  
De balde o fez! que lhe golfeja o sangue

D'ampla ferida no sinistro lado ;  
E ao pé da esposa o assassino surge  
Co' o sangrento punhal na dextra alçada.

A flôr purpurea que matisa o prado ,  
Se o vento da manhã lhe entorna o calix ,  
Perde aroma talvez ; porem mais bello  
Colorido lhe vem do sol nos raios.  
As fagueiras feições d'aquelle rosto  
Assim forão tão bem ; não foi do tempo  
Fatal o perpassar as faces lindas.

Nota-lhe elle as feições , — nota-lhe os labios ,  
Os curtos labios que lhe derão vida ,  
Longa vida de amor n'um longo beijo ,  
Qual jamais não provou ; e as iras todas  
Dos zelos vingadores descançarão  
No peito de soffrer cançado e cheio ;  
Cheio , qual na praia fica a esponja  
Quando a vaga do mar passou sobre ella.

N'um relance fugio minaz no vulto ;  
Como o raio , luzindo alguns instantes  
Sobre a terra baixou deixando a morte.



**A LEVIANA.**

*Souvent femme varie,  
Bien fol est qui s'y fi.  
FRANCISCO I.*

És engraçada e formosa,  
    Como a rosa,  
Como a rosa em mez de Abril;  
És como a nuvem doirada,  
    Deslisada,  
Deslisada em céos de anil.

Tu és vaga e melindrosa,  
    Qual formosa  
Borboleta n'um jardim,  
Que as flôres todas afaga,  
    E divaga  
Em devaneio sem fim.

És pura, como uma estrella  
Doce e bella  
Que treme incerta no mar;  
Mostras nos olhos tua alma  
Terna e calma,  
Como a luz d'almo luar.

Tuas formas tão donosas,  
Tão airosas,  
Formas da terra não são;  
Pareces anjo formoso,  
Vaporoso,  
Vindo da etherea mansão.

Assim — beijar-te receio,  
Contra o seio  
Eu tremo de te apertar;  
Pois me parece que um beijo  
É sobejo  
Para o teu corpo quebrar.

Mas não digas, ó lindinha,  
Qu'és so minha;  
Sobre a minha sepultura  
Talvez te vejão brincando  
E folgando,  
E folgando sem tristura.

Tal os sepulcros colora  
    Bella aurora  
De fulgores radiante;  
Tal a vaga maripôsa  
    Brinca e pouza  
D'um cadaver no semblante.





**A MINHA MUSA.**

*Gratia, Musa, tibi: nam tu solatia præbes.*

*OVIDIO.*

Minha Musa não é como a *nympha*  
Que se eleva nas agoas — gentil —  
Co'um sorriso nos labios mimosos  
Com requebros — com ar senhoril.

Não tem ella nas faces redondas  
Dos fagueiros anhelos a cor;  
N'esta terra não tem uma esp'rança,  
N'esta terra não tem um amor.

Como fada de meigos encantos,  
Não habita um palacio encantado,  
Quer em meio de matas sombrias,  
Quer á beira do mar levantado.

Não tem ella uma senda florida,  
De perfumes—de flores bem cheia,  
Onde vague com passos incertos  
Quando o céo de luzeiros se arreia.

Minha Musa não é como a de Horacio;  
Nos soberbos alpendres dos Senhores  
    Não é que ella reside;  
Ao banquete do grande em lauta meza,  
Onde gira o falerno em taças d'oiro,  
    Não é que ella preside.

Ella ama a solidão, ama o silencio,  
Ama o prado florido, a selva umbrosa  
    E da rola o carpir.  
Ella ama a viração da tarde amena,  
O susurro das agoas, os accentos  
    De profundo sentir.

D'Anacreonte o genio prasenteiro,  
Que de flores cingia a fronte calva  
    Em brilhante festim,  
Tomando inspirações á doce amada  
Que leda lh'enflorava a eburnea lyra,  
    De que me serve, a mim?

Canções que a turba nutre, inspira, exalta  
Nas cordas magoadas me não pousão

Da lyra de marfim.

Correm meos dias — lacrimosos, tristes,  
Como a noite que estende as negras azas  
Por céo negro e sem fim.

É triste a minha Musa, como é triste  
O sincero verter d'amargo pranto  
D'orfã singela;  
É triste como o som que a brisa espalha,  
Que cicia nas folhas do arvoredó  
Por noite bella.

É triste como o som que o sino longe  
Vai perder na extensão d'ameno prado  
Da tarde no cahir,  
Quando nasce o silencio involto em trevas,  
Quando os astros derramão sobre a terra  
Merencorio luzir.

Ella então, sem destino, erra por valles,  
Erra por altos montes, onde a enchada  
Fundo e fundo cavou;  
E pára; — perto, jovial pastora  
Cantando passa — e ella scisma ainda  
Depois que ella passou.

Alem — da chóça humilde s'ergue o fumo  
Que em risonha spiral se eleva ás nuvens

Da noite entre os vapores;  
Muge solto o rebanho;—e lento o passo,  
Cantando em voz sonora, porem baixa,  
Vêm andando os pastores.

E cólhe a Musa minha a flôr agreste  
Que o prado vio nascer;  
E as cordas da minha Harpa sob as flores  
Vem depois esconder.

Outras vezès tâobem, no cemiterio,  
Incerta volve o passo, soletrando  
Recordações da vida.  
Róça o negro cipreste, calca o musgo,  
Que o tempo fez nascer por entre as fendas  
Da pedra carcomida.

Então corre o meo pranto muito e muito  
Sobre as humidas cordas da minha Harpa,  
Que não resoão;  
Não chóro os mortos, não; chóro os meos dias  
Tão sentidos — tão longos — tão amargos  
Que em vão se escôão.

Nesse pobre cemiterio  
Quem já me dera um logar!  
Esta vida mal vivida  
Quem já m'a dera acabar!

Tenho inveja ao pegureiro,  
Da pastora invejo a vida,  
Invejo o somno dos mortos  
Sob a lage carcomida.

Se qual pegão tormentoso,  
O sopro da desventura  
Vae bater potente á porta  
De sumida sepultura;

Uma voz não lhe responde,  
Não lhe responde um gemido,  
Não lhe responde uma prece,  
Um ai — do peito sentido.

Já não tem voz com que falle,  
Já não tem que padecer,  
No passar da vida á morte  
Foi seo extremo soffrer.

Que lh'importa a desventura?  
Ella passou, qual gemido  
Da brisa em meio da mata  
De verde alecrim florido.

Quem me dera ser como elles!  
Quem me dera descansar!

Nesse pobre cemiterio  
Quem me dera o meo logar,  
E co'os sons das Harpas d'anjos  
Da minha Harpa os sons casar!



**DESEJO.**

E' poi morir.  
METASTASIO.

Ah! que eu não morra sem provar, ao menos  
Siquer por um instante nesta vida

Amor igual ao meo!

Dá, Senhor Deos, que eu sobre a terra encontre  
Um anjo — uma mulher — uma obra tua,

Que sinta o meo sentir;

Uma alma que me entenda, irmã da minha,  
Que escute o meo silencio, que me siga

Dos ares na amplidão!

Que em laço estreito unidas, juntas, presas,  
Deixando a terra e o todo aos céos remontem

N'um extasis de amor!



## SEOS OLHOS.

Oh ! rouvre tes grands yeux dont la paupière tremble ,  
Tes yeux pleins de langueur ;  
Leur regard est si beau quand nous sommes ensemble !  
Rouvre - les ; ce regard manque à ma vie , il semble  
Que tu fermes ton cœur.

Seos olhos tão negros — tão bellos — tão puros —  
De vivo luzir ,  
Estrellas incertas, que as agoas dormentes  
Do mar vão ferir ;

Seos olhos tão negros — tão bellos — tão puros —  
Tem meiga expressão ,  
Mais doce que a briza, — mais doce que o nauta  
De noite cantando, — mais doce que a frauta  
Quebrando a soidão.

Seos olhos tão negros — tão bellos — tão puros —  
De vivo luzir ,  
São meigos infantes, gentís, engraçados  
Brincando — a sorrir.



São doces infantes — brincando e saltando  
Em jogo infantil,  
Inquietos, travêssos; — causando tormento,  
Com beijos nos págão a dôr de um momento,  
Com modo gentil.

Seos olhos tão negros — tão bellos — tão puros —  
Assim é que são;  
Às vezes luzindo — serenos — tranquillos,  
Às vezes vulcão!

Às vezes, oh! sim, derramão tão fraco,  
Tão frouxo brilhar,  
Que a mim me parece que o ar lhes fallece,  
E os olhos tão meigos, que o pranto humedece,  
Me fasem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquillo,  
Desperta a chorar;  
E mudo e sisudo scismando mil coisas  
Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, — do infante,  
Às vezes do céo  
Cae doce harmonia d'uma Harpa celeste,  
Um vago desejo; e a mente se véste  
De pranto co'um véo.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos  
Da patria melhor;  
Eu amo seos olhos que chórão sem causa  
Um pranto sem dôr.

Eu amo seos olhos tão negros — tão puros —  
De vivo fulgor,  
Seos olhos que exprimem tão doce harmonia,  
Que fallão de amores com tanta poesia,  
Com tanto pudor.

Seos olhos tão negros — tão bellos — tão puros —  
Assim é que são;  
Eu amo esses olhos que fallão de amores  
Com tanta paixão.



## INNOCENCIA.

Sans nommer le nom qu'il faut bénir et taire,

S. BERTÉ.

O' meo anjo, vem correndo,  
    Vem tremendo  
Lançar-te nos braços meos;  
Vem depressa, que a lembrança  
    Da tardança  
Me aviva os rigores teos.

Do teo rosto — qual marfim —  
    De carmim  
Tinge um nada a côr mimosa;  
É bello o pudor, mas choro,  
    E deploro  
Que assim sejas tão medrosa.

Por innocente tens medo  
De tão cedo,  
De tão cedo ter amor;  
Mas sabe que a formosura  
Pouco dura,  
Pouco dura, como a flôr.

Corre a vida pressurosa,  
Como a rosa,  
Como a rosa na corrente.  
Amanhã terás amor?  
Como a flôr,  
Como a flôr fenece a gente.

Hoje ainda és tu Donzella  
Pura e bella,  
Cheia de meigo pudor;  
Amanhã menos ardente  
De repente  
Talvez sintas meo amor.



**PEDIDO.**

Hontem no baile  
Não me attendias !  
Não me attendias ,  
Quando eu fallava.

De mim bem longe  
Teo pensamento !  
Teo pensamento ,  
Bem longe errava.

Eu vi teos olhos  
Sobre outros olhos !  
Sobre outros olhos ,  
Que eu odiava.

Tu lhe sorriste  
Com tal sorriso !  
Com tal sorriso ,  
Que apunhalava.

Tu lhe fallaste  
Com voz tão doce!  
Com voz tão doce,  
Que me matava.

Oh! não lhe falles ,  
Não lhe sorrias ,  
Se então só qu'rias  
Exp'rimentar-me.

Oh! não lhe falles ,  
Não lhe sorrias ,  
Não lhe sorrias ,  
Que era matar-me.



**O DESENGANO.**

Já vigílias passei namorado,  
Doces horas d'insomnia passei,  
Já meos olhos, d'amor fascinado,  
Em vêr só meo amor empreguei.

Meo amor era puro, extremoso,  
Era amor que meo peito sentia,  
Era lavas de um fogo teimoso,  
Era notas de meiga harmonia.

Harmonia era ouvir sua voz,  
Era ver seo sorriso harmonia;  
E os seus modos e gestos e ditos  
Erão graça e perfume e magia.

É o que era o teu amor que me embalava  
Mais do que meigos sons de meiga lyra?  
Um dia o decifrou — não mais que um dia —  
Fingimento e mentira!

Tão bello o nosso amor! — foi só de um dia,  
Como uma flôr!  
Porque tão cedo o talisman quebraste  
Do nosso amor?

Porque n'um só instante assim partiste  
Tão donosa a cadeia?  
De bom grado a sofreste! — essa lembrança  
Inda hoje me reereia.

É que o amor da mulher é como a grimpã  
Que um sopro faz voltar;  
Ou ar — ou fumo — ou vento, — mariposa  
Constante em revoar.

É que o amor da mulher é como o lago,  
Cujo a nuvem sombreia toda a flôr;  
É que o amor da mulher, se acaso existe,  
É como a vaga — traidor.

Insensato que eu fui! — busquei firmeza.  
Qual em ondas de areia movediça.



Na mulher, — não achei!

E da esp'rança que eu via tão donosa  
Surrir dentro em minha alma, as longas azas  
Doido e nescio cortei!

E tu vás caprixosa perseguindo  
Essa esteira de amor, que julgas cheia  
De flôres bem gentis;  
Pódes ir que os meos olhos te não vejão.  
Longe — longe de mim, mas que em minha alma  
Eu sinta qu'és felis.

Pódes ir que é desfeito o nosso laço,  
Pódes ir, que o teu nome nos meos labios  
Nunca mais soará!  
Sim, vai; — mas este amor que me atormenta  
Que tão grato me foi, que me é tão duro,  
Comigo morrerá!

Tão bello o nosso amor! — foi só de um dia  
Como uma flôr!  
Oh! que bem cedo o talisman quebraste  
Do nosso amor!



## MINHA VIDA E MEOS AMORES.

Mon Dieu, fais que je puisse aimer!  
S. BEUVE.

Quando no albor da vida — fascinado  
Com tanta luz e brilho e pompa e gallas,  
Vi o mundo sorrir-me esperançoso:  
— Meo Deos, disse entre mim, oh! quanto é doce,  
Quanto é bella esta vida assim vivida! —  
Agora — logo — aqui — além — notando  
Uma pedra — uma flôr — uma lindeza —  
Um seixo da corrente — uma conxinha  
A beira mar colhida!

Foi esta a infancia minha; a juventude  
Fallou-me ao coração: — amemos, disse,  
Porque amar é viver.

E esta era linda como é linda a aurora  
No fresco da manhã tingindo as nuvens

De rosea côr fagueira;  
Aquella tinha um que de anhelos meigos  
Artifice sublime.  
Feiticeiro sorrir dos labios della  
Prendeo-me o coração; — julguei-o ao menos.

Porém outra sorria tristemente,  
Como um anjo no exilio — ou como o calix  
De flôr pendida e murcha e já sem brilho.  
Humilde flôr tão bella e tão cheirosa,  
No seo deserto perfumando os ventos.  
— Eu morrêra felis, dizia eu d'alma,  
Se pudesse enxertar uma esperança  
N'aquella alma tão pura e tão formosa,  
E um alegre sorrir nos labios della.

A fugaz borboleta as flôres todas  
Elege, e liba e uma e outra, e foge  
Sempre em novos amores enlevada;  
N'este meo paraíso fui como ella,  
Inconstante vagando em mar de amores.

O amor sincero e fundo e firme e eterno,  
Como o mar em bonança meigo e doce,  
Do templo como a luz perenne e sancto,  
Não, nunca o senti; — somente o viço  
Tão forte dos meos annos por amores  
Tão faceis quanto infames fui trocando.

Meo Deos, quanto fui louco! — Em vez do fructo  
Sasonado e maduro que eu podia  
Como em jardim colher, mordi no fructo  
Putrido e amargo e rebuçado em cinzas,  
Como infante glutão que se não senta  
    Á mesa de seos paes.

Dá, meo Deos que eu possa amar,  
Dá que eu sinta uma paixão,  
Torna-me virgem minha alma,  
E virgem meo coração.

Um dia em qu'eu sentei-me junto della  
Sua voz murmurou nos meos ouvidos,  
— Eu te amo! — O' anjo, que não possa eu crer-te!  
Certo, ella não é mulher que vive  
Nas feses da deshonna, em cujos labios  
Só mentira e traição eterno habita.  
Tem uma alma innocente, um rosto bello,  
E amor nos olhos. — mas não posso crê-la.

Dá, meo Deos, que eu possa amar,  
Dá que eu sinta uma paixão;  
Torna-me virgem minha alma,  
E virgem meo coração.

Outra vez que lá fui, fallei com ella;  
E ella me disse então: — Sonhei comtigo! —

Ineffavel prazer banhou meo peito,  
Senti delicias; mas a sós commigo  
Pensei — talvez! — e já não pude crê-la.

Ella tão meiga e tão cheia de encantos,  
Ella tão nova, tão pura e tão bella...

Amar-me! — Eu que sou?

Meos olhos enxérgão em quanto duvida  
Minha alma sem crença, de força exaurida,  
Já farta de vida  
Que amor não doirou.

Máo grado meo, crer não posso,  
Máo grado meo que assim é;  
Queres ligar-te commigo  
Sem no amor ter crença e fé?

Antes vai collar teo rosto,  
Collar teo seio nevado  
Contra o rosto mudo e frio,  
Contra o seio d'um finado.

Ou supplica a Deos commigo  
Que me dê uma paixão,  
Que me dê crença á minha alma,  
E vida ao meo coração.



## RECORDAÇÃO.

Quando em meo peito as afflicções rebentão  
Eivadas de sofrer acerbo e duro;  
Quando a desgraça o coração me arrocha  
Em circulos de ferro com tal força,  
Que delle o sangue em borbotões golfeja;  
Quando minha alma de sofrer cançada  
— Bem que affeita a sofrer — siquer não póde  
Clamar: — Senhor, piedade; e que os meos olhos  
Rebeldes — uma lagrima não vertem  
Do mar d'angustias que meo peito opprime:

Volvo aos instantes de ventura, e penso  
Que a sós contigo em pratica serena  
Melhor futuro me augurava, — as doces  
Palavras tuas — sofregos — attentos

Sorvendo meos ouvidos, — nos teos olhos  
Lendo os meos olhos tanto amor, que a vida  
Longa, bem longa, não bastára ainda  
Porque de os ver me saciasse; o pranto  
Então dos olhos meos corre espontaneo,  
Que não mais te verei. — Em tal pensando  
De martyrios calar sinto no peito  
Tão grande plenitude, que a minha alma  
Sente amargo prazer de quanto sofre.



## TRISTESA.

Que leda noite! — Este ar embalsamado,  
Este silencio harmonico da terra  
Que sereno prazer n'alma cançada  
Não expreme, não filtra, não diffunde?  
A brisa lá susurra na folhagem  
D'espessas matas, d'arvores robustas  
Que velão sempre e sós, que a Deos elevão  
Mysterioso côro que do Bardo  
A crença quasi morta inda alimenta.  
É esta a hora magica de encantos,  
Hora d'inspirações dos céos descidas,  
Que em delirio de amor aos céos remontão.

Aqui da vida lastimas infindas,  
Do myrrado egoismo a voz ruidosa



Não chegam; nem soluços, risos, festas!  
— Hilaridade vã de turba incauta,  
Nescia de ruim futuro; ou queixa amarga  
De decrepito velho, enfermo, exangue,  
Nem do mancebo os ais doídos, preso  
Ao leito do sofrer na flôr da vida.

Aqui reina o silencio, — o religioso,  
Morno socego, que povoa as ruínas,  
E o mausoléu soberbo, carcomido,  
E o templo magestoso em cuja nave  
Suspira ainda a nota maviosa,  
O derradeiro arfar d'orgão solemne.

Em puro céo a lua resplandece,  
Melancólica e pura, semelhando  
Gentil viuva que pranteia o extinto,  
O bello esposo amado, e vem de noite,  
Vivendo pelo amor, máo grado a morte,  
Ferventes orações chorar sobre elle.

Eu amo o céo assim sem uma estrella,  
Azul — sem mancha, — a lua equilibrada  
N'um céo de nuvens, — e o frescor da tarde,  
E o silencio da noite adormecida  
Que imagens vagas de prazer desenha.  
Amo tudo o que dá no peito e n'alma  
Treguas ao recordar, treguas ao pranto,

A v'hemencia da dôr, a pertinacia  
Tenaz e acerba de crueis lembranças;  
Amo estar só com Deos, porque nos homens  
Achar não pude amor, nem pude ao menos  
Signal de compaixão achar entre elles.

Menti! — um inda achei, mas este em ocio  
Feliz descança agora, em quanto aos ventos  
E ao cru furor das verde-negras ondas  
Da minha vida a barca aventureira  
Insano confiei; em céo diverso  
Luzem com luz diversa estrellas d'ambos.  
Ai! triste, que houve tempo em que eu julgava  
As duas uma só, — co' o mesmo brilho  
Uma e outra nos céos meigas brilhavão!  
Hoje scintilla a d'elle, em quanto a miuha  
Entre nuvens, sem luz, se perde agora.  
Meo Deos, foi bom assim! No immenso pégo  
Mais uma gota d'amargor que importa?  
Que importa o fel na taça do absyntho,  
Ou uma dôr de mais onde outras reinão?



## O TROVADOR.

Elle cantava tudo o que merece de ser cantado, que ha na terra de grande sancto — o amor e a virtude. —

N'uma terra antigamente  
Existia um Trovador;  
Na Lyra sua innocente  
Só cantava o seo amor.

Nenhum saráo se aêabava  
Sem a Lyra de marfim,  
Pois cantar tão alto e doce  
Nunca alguém cuvira assim.

E quer Donzella, quer Dona,  
Que sentíra commoção  
Pular-lhe n'alma — escutando  
Do Trovador a canção,

De jasmims e de açucenas  
A fronte sua adornou;  
Mas só a rosa da amada  
Na Lyra sua poisou.

E o Trovador conheceo  
Que era trahido — por fim;  
Poz-se a andar, e só se ouvia  
Nos seos labios — ai de mim!

Enlutou de negro fumo  
A rosa de seo amor,  
Que meia occulta se via  
Na gorra do Trovador;

Como virgem bella — morta  
Da idade na linda flôr,  
Que parece, o dó trajando,  
Inda sorrir-se de amor.

No meio do seo caminho  
Gentil Donzella encontrou:  
Canta — disse; e as cordas d'oiro  
Vibrando, o triste cantou.

• Teo rosto engraçado e bello  
• Tem a lindeza da flôr;

- Mas é risonho o teu rosto,  
• Não tens de sentir amor!
  
- Mas tão bem por esse dia  
• Que viverás, como a flôr,  
Mimosa, engraçada e bella,  
• Não tens de sentir amor!
  
- Oh! não queiras, por Deos, homem que tenha  
Tingida a larga testa de pallor;  
• Sente fundo a paixão, — e tu no mundo  
• Não tens de sentir amor!
  
- Sorriso jovial te enfeita os labios,  
• Nas faces de jasmim tens rosea côr;  
• Fundo amor não se ri, — não é corado, —  
• Não tens de sentir amor!
  
- Mas se queres amar, eu te aconselho,  
• Que não guerreiro, escolhe um trovador  
• Que não tem um punhal, quando é trahido,  
• Que vingue o seu amor. •

Do Trovador pelo rosto  
Torva raiva se espalhou,  
E a Lyra sua, tremendo,  
Sem cordas d'ouro ficou.

Mais além no seo caminho  
Donzel garboso encontrou :  
Canta — disse ; e argenteas cordas  
Pulsando , o triste cantou .

« Aos homens da mulhier enganão sempre  
» O sorrir — o amor ;  
» É este breve como é breve aquelle  
» Sorriso enganador .

» Teo peito por amor . Donzel , suspira ,  
» Que é de jovens amar a formosura ;  
» Mas sabe que a mulher , que amor te jura ,  
» Dos lindos labios seos cospe a mentira !

» Já frenetico amor cantei na lyra ,  
» Delicias já sərvi n'um seo sorriso ,  
» Já venturas frui do paraiso ,  
» Em terna voz de amor — que era mentira !

» O amor é como a aragem que murmura  
» Da tarde no cahir — pela folhagem ;  
» Não volta o mesmo amor á formosura ,  
» Bem como nunca volta a mesma aragem .

» Não queiras amar . não ; pois que a speranza  
» Se arroja além do amor por largo espaço .

- » Tens brilhando ao sol a forte lança,
- » Tens longa espada scintillante d'aço.
  
- » Tens a fina armadura de Milão,
- » Tens luzente e brilhante capacete,
- » Tens adága e punhal e bracelete
- » E, qual lucido espelho, o morrião.
  
- » Tens fogado corsel todo arreiado,
- » Que mais veloz que os ventos sorve a terra;
- » Tens duellos, tens justas, tens torneios,
- » Que os fracos corações de medo cerra;
- » Tens pagens, tens varletes e escudeiros
- » E a marcha afoita, apercebida em guerra
- » Do luzido esquadrão de mil guerreiros.
  
- » Oh! não queiras amar! — Como entre a neve
- » O gigante volcão borbulha e ferve
- » E sulfurea chamma pelos ares lança,
- » Que após o seo cahir torna-se fria;
- » Assim tu acharás petrificada
- » Bem como a lava ardente do volcão,
- » A lava que teo peito consumia;
- » No peito da mulher — ou cinza ou nada —
- » Não frio, mas gelado o coração! »

E o Trovador despeitoso

De prata as cordas quebrou,

E nas de chumbo seo fado  
A lastimar começou.

- « Que triste que é n'este mundo  
» O fado d'um Trovador!
- » Que triste que é! — bem que tenha  
» Sua Lyra e seu amor.
- » Quando em festejos descanta,  
» Rasgado o peito com dôr,  
» Mimoso tem de cantar  
» Na sua Lyra — o amor!
- » Como a um servo vil ordena,  
» Um orgulhoso Senhor,  
» Canta, diz-lhe; eu quero ouvir-te,  
» Quero descantes de amor!
- » Diz-lhe o guerreiro, que apenas  
» Lidou em justas de amor,  
» — Minha dama quer ouvir-te,  
» Canta, truão trovador! —
- » Manda a mulher que nos deixa  
» De beijos murchada flôr  
» — Canta, truão, quero ouvir-te,  
» Um terno canto de amor!



» Mas se a mulher, que elle adora,  
» Atraçôa o seo amor,  
» Embalde busca a seo lado  
» Um punhal — o Trovador!

» Se escuta palavras della,  
» Que a outros jurão amor,  
» Embalde busca a seo lado  
» Um punhal — o Trovador!

» Se vê luzir de alguns labios  
» Um sorriso mofador,  
» Embalde busca a seo lado  
» Um punhal — o Trovador!

» Que triste que é n'este mundo  
» O fado d'um Trovador!  
» Pezar lhe dá sua Lyra,  
» Dá-lhe pezar seo amor! »

E o Trovador n'este ponto  
A corda extrema arrancou;  
E n'um marco do caminho  
A Lyra sua quebrou:  
Ninguem mais a voz mimosa  
Do Trovador escutou!



**AMOR! DELIRIO — ENGANO.**

Amor! delirio — engano..... Sobre a terra  
Amor tão bem frui; a vida inteira  
Concentrei n'um só ponto — ama-la, e sempre.  
Amei! — dedicação, ternura, extremos  
Scismou meo coração, scismou minha alma,  
— Minha alma que na taça da ventura  
Vida breve d'amor sorveo gostosa.  
Eu e ella, ambos nós, na terra ingrata  
Oásis. paraíso, eden ou templo  
Habitámos um nada; e logo o tempo  
Com a foice roaz quebrou-lhe o encanto,  
Doce encanto que o amor nos fabricára.

E eu sempre a via, quer nas nuvens d'ouro  
Quando ia o sol nas vagas sepultar-se,

Ou quer na branca nuvem que velava  
O circulo da lua, — quer no manto  
D'alvacenta neblina que baixava  
Sobre as folhas do bosque, muda e grave,  
Da tarde no cahir; nos céos, na terra,  
A ella, a ella só, vião meos olhos.

Seo nome — sua voz — ouvia eu sempre;  
Ouvia-os no gemer da parda rola,  
No trepido correr da veia argentea,  
No respirar da brisa, no susurro  
Do arvoredó frondoso, na harmonia  
Dos astros ineffavel; — o seo nome!  
Nos fugitivos sons de alguma frauta,  
Que da noite o silencio realçavão,  
Os ares e a amplidão divinizando,  
Ouvião meos ouvidos; e de ouvil-o  
Arfava de prazer meo peito ardente.

Ah! quantas vezes, quantas! junto d'ella  
Não senti sua mão tremer na minha,  
Não lhe escutei um languido suspiro  
Que vinha lá do peito á flôr dos labios  
Deslisar-se e morrer?! Dos seos cabellos  
A magica fragrancia respirando,  
Escutando-lhe a voz doce e pausada,  
Mil venturas colhi dos labios d'ella,  
Que instantes de prazer me futuravão.

Cada sorriso seo era uma esp'rança,  
E cada esp'rança enlouquecer de amores.

E eu a ameitanto! — Oh! não, não hão de os homen  
Saber que amor, á iugrata, havia eu dado;  
Que affectos melindrosos, que em meo peito  
Tinha eu guardado para ornar-lhe a fronte!  
Oh! não, — morra commigo o meo segredo;  
Rebelde o coração murmure embora.

Que de vezes pensando a sós commigo  
Não disse eu entre mim: — Anjo formoso,  
Da minha vida que farei, se acaso  
Faltar-me o teu amor um só instante;  
— Eu que só vivo por te amar, que apenas  
O que sinto por ti a custo exprimo?  
No mundo que farei, como estrangeiro  
Pelas vagas crueis á praia inhóspita  
Examine arrojado? — Eu, que isto disse,  
Existo e penso — e não morri, — não morro  
Do que outr'ora senti — do que ora sinto,  
De pensar nella, de a revêr em sonhos,  
Do que fui, do que sou e ser podia!

Existo; — e ella de mim jaz esquecida!  
Esquecida talvez de amor tamanho,  
Derramando talvez n'outros ouvidos  
Frases doces, de amor, que dos seus labios

Tantas vezes ouvi, — que tantas vezes  
Em extasis divino aos céos me alçarão,  
— Que dando á terra ingrata o que era terra  
Minha alma além das nuvens transportarão.  
Existo! — como outr'ora, no meo peito  
Fervido o coração pular sentindo,  
Todo o fogo da vida derramando  
Em queixas mulherís, em molles versos.  
E ella! — ella talvez nos braços d'outrem  
Com sua vida alimenta uma outra vida,  
Com o seo coração o de outro amante  
Que mais feliz do que eu, inferno! — a gosa.  
Ella, que eu respeitei, — que eu venerava  
Como a reliquia sancta! — a quem meus olhos,  
Recciando offendel-a, tantas vezes  
De castos e de humildes se abaixarão!  
Ella, perante quem sentia eu presa  
A voz nos labios e a paixão no peito!  
Ella, idolo meo, a quem o orgulho,  
A força d'homem, o sentir, vontade  
Propria e minha dediquei, — sugeita  
Á voz de alguém que não sou eu, — desperta,  
Talvez no instante em que de mim se lembra,  
Por um osculo frio — por geladas  
Caricias d'um esposo!...

Oh! não poder-te,  
Abutre roedor — cruel ciume,

Tua funda raiz e a imagem d'ella  
No peito em sangue espedaçar raivoso!

Mas tu, cruel, que és meo rival, n'uma hora  
Em que ella só julgar-se, has de escutar-lhe  
Um quebrado suspiro do imo peito,  
Que d'éras ja passadas se recorda.  
Has de escutal-o, — e ver-lhe a côr sanguinea  
Tingir-lhe o rosto ao deparar contigo;  
Terás ciume — e sofrerás commigo,  
E em sendo tu como eu, serei vingado.



**DELIRIO.**

Quando dormimos o espirito vêta.  
ESCHAZLO

À noite — quando durmo — esclarecendo  
As trevas do meu somno,  
Uma etherea visão vem assentar-se  
Junto ao meu leito afflicto !  
Anjo ou mulher? — não sei. — Ah! se não fosse  
Um qual véo transparente,  
Como que a alma pura alli se pinta  
Ao travéz do semblante,  
Eu a crêra mulher... — E tentas, louco,  
Recordar o passado,  
Transformando o prazer, que desfructaste,  
Em lentas agonias?!

Visão, fatal visão, porque derramas  
Sobre o meo rosto pallido

A luz de um longo olhar, que amor exprime,  
E pede compaixão?

Porque teu coração exhala uns fundos,  
Magoados suspiros,

Que eu não escuto, mas que vejo e sinto  
Nos teos labios morrer?

Porque esse gesto e morbida postura  
De macerado espirito,

Que vive entre afflicções, que já nem sabe  
Desfructar um prazer?

Tu fallas! — tu que dizes? — este accento,  
Esta voz melindrosa,

N'outros tempos ouvi, porém mais leda;  
Era um hymno d'amor.

A voz, que escuto, é magoada e triste,  
— Harmonia celeste,

Que á noite vem nas azas do silencio  
Humedecer as faces

Do que enxerga outra vida além das nuvens.  
Esta voz não é sua;

É accorde talvez d'harpa celeste,  
Cahido sobre a terra!

Balucias uns sons, que eu mal percebo,  
Doridos — compassados,

Fracos — mais fracos; — lagrimas despontão  
Nos teos olhos brilhantes...



Choras! tu choras!... Para mim teos braços  
Por força irresistivel  
Estendem-se — procura-me, — procuro-te  
Em delirio afanoso.  
Fatídico poder entre nós ambos  
Ergueo alta barreira;  
Elle te enlaça e prende... mal resistes...  
Cédes emfim — acórdo!

Acórdo do meo sonho tormentoso,  
E choro o meo sonhar!  
E fecho os olhos, e de novo intento  
O sonho reatar.  
Embalde! porque a vida me tem preso;  
E eu sou escravo seo!  
Acordado ou dormindo — é triste a vida  
Quando o amor se perdeo.  
Ha comtudo prazer em nos lembrarmos  
Da passada ventura,  
Como o que educa flôres vecejantes  
Em triste sepultura.



**EPICEDIO.**

*Passa la bella donna e par che dorma.*  
TASSO.

Seo rosto pallido e bello  
Já não tem vida nem côr!  
Sobre elle a morte descança  
Involta em baço pallor.

Cerrárão-se olhos tão puros,  
Que tinham tanto fulgor;  
Coração que tanto amava  
Já hoje não sente amor;

Que o anjo bello da morte  
A par desse anjo baixou!  
Trocárão brandas palavras,  
Que Deos sómente escudou.

Ventura, prazer, ledice  
D'uma outra vida contou;  
E o anjo puro da terra  
Prazer da terra engeitou.

Depois co'as azas cadentes  
O formoso anjo do céu  
Roçou-lhe a face mimosa  
Cubrio-lhe o rosto co'um véo.

Depois o corpo engraçado  
Deixou a terra sem vida,  
De tenue pallor coberto,  
— Verniz de estatua esquecida.

E bella assim, como um lirio  
Murcho da sésta ao ardor,  
Teve a innocencia dos anjos,  
Tendo o viver d'uma flôr.

Foi breve! — mas a desgraça  
A testa não lhe enrugou,  
E aos pés do Deos que a creára  
Alma inda virgem levou.

São da larva a borboleta,  
São da rocha o diamante,

De um cadaver mudo e frio  
Sáe uma alma radiante.

Não choremos essa morte,  
Não choremos casos taes;  
Quando a terra perde um justo,  
Conta um anjo o céo de mais.



## SOFRIMENTO.

Meo Deos, Senhor meo Deos, o que ha no mundo  
Que não seja sofrer?  
O homem nasce, e vive um só instante,  
E sofre até morrer!

A flôr ao menos, nesse breve espaço  
Do seu doce viver.  
Encanta os ares com celestes aroma,  
Querida até morrer.

É breve o romper d'alva, mas ao menos  
Traz consigo prazer;  
E o homem nasce e vive um só instante:  
E sofre até morrer!

Meo peito de gemer já está cansado,  
Meos olhos de chorar;  
E eu soffro ainda, e já não posso alivio  
Si quer no pranto achar!

Já farto de viver em meia vida,  
Quebrado pela dôr  
Meos annos hei passado, uns após outros,  
Sem paz e sem amor.

A amor que eu tanto amava do imo peito,  
Que nunca pude achar,  
Que em balde procurei — na flôr — na planta  
No prado — e terra — e mar!

E agora o que sou eu? — Pallido espectro,  
Que da campa fugio;  
Flôr ceifada em botão; — imagem triste  
De um ente que existio...

Não escutes, meo Deos, esta blasfemia;  
Perdão, Senhor, perdão!  
Minha alma sinto ainda, — sinto, escuto  
Bater-me o coração.

Quando roja meo corpo sobre a terra,  
Quando me afflige a dôr,

Minha alma aos céos se eleva, como o incenso,  
Como o aroma da flôr.

E eu bemdigo o teo nome eterno e sancto,  
Bemdigo a minha dôr,  
Que vai além da terra aos céos infindos  
Prender-me ao creador.

Bemdigo o nome teo, que uma outra vida  
Me fez descortinar,  
Uma outra vida, onde não ha só trevas,  
E nem ha só penar.







# **VISÕES**



## PRODIGIO.

N'aquelle instante em que vacilla a mente  
Do somno ao despertar, — quando pejada  
Vem d'outros mundos de visões ethereas,  
Quando sobre a manhã surge brilhante  
A luz da madrugada, — eu vi!... — nem sonhos  
Era a minha visão, real não era;  
Mas tinha d'ambos o talvez. — Quem sabe?  
Foi caprixo fallaz da phantasia,  
Ou foi certo aventar d'eras venturas?

A ira do Senhor baixou tremenda  
Sobre uma vasta capital! — em pedra  
Tornou-se a gente impura. Muitos homens  
As portas ferreas — largas — vi sentados.

Melhor do que um piutor ou statuário  
 A morte, que de subito os colhera  
 No ardor, no afan da vida, conservou-lhes  
 A acção — partida em meio, com tal força  
 Que a mente seo máo grado a completava.  
 Um tinha os labios entreabertos; outro  
 Parecia sorrir; mais longe aquelle  
 Derramava um segredo — baixo — á medo —  
 Nos ouvidos do amigo; austero o guarda  
 Com rosto carregado e barba hirsuta  
 Nas mãos callosas sopesava a lança.  
 Dos mercadores na comprida rua  
 Passavão muitos compradores; — este  
 Contava montes d'oiro; — á luz aquelle  
 Expunha a seda do Indostão, de Tyro  
 A purpura brilhante, a damasquina  
 Custosa téla entretecida d'oiro.  
 Cortez sorrindo, o mercador gabava  
 As cores vivas — o tecido — o corpo  
 Do estofa que vendia. — Nos serralhos  
 Era o Eunucho imperfeito; — das Mesquitas  
 Bradava á prece o Muezzin...  
 — N'um largo,  
 Fofa e vasto divan sentado, um velho  
 Os versos lia do Alcorão; — só elle  
 Entre tanto punir ficára illeso.



## II

## A CRUZ.

Era um templo d'arabica structura,  
Magestoso, elegante; — além das nuvens  
Se entranhava nos céos subtil a agulha;  
Sobre o zimbório retumbante e vasto  
Ondas e ondas de vapor crescião.  
Dentro corrião tres compridas naves  
Sobre dois renques de columnas, onde  
Baixos relevos da sagrada historia  
Da base ao capitel se emmaranhavão.  
Ardia a luz na alampada sagrada;  
No sagrado instrumento o som dormia.

Juncto á cruz — da fachada egregia pompa —  
Muitos homens vi eu de torvo aspecto;

Muitos outros, servis! com mão armada  
Profundos golpes entalhavão nella.

Um daquelles no emtanto assim fallava :

« Quando esta humilde cruz rojar por terra,  
» Levando a crença de Jesus comsigo,  
» Nós outros, da verdade Sacerdotes,  
» Nós Doutores do mundo, nós Luzeiros  
» Que desvendamos a impostura — o erro —  
» A mentira sagaz — a crença louca —  
» Entrada facil da razão no templo  
» Teremos todos; e de então no throno,  
» Do nescio vulgo imparciaes sob'ranos,  
» Sanctos juizes da verdade sancta,  
» Pregaremos o justo, a paz, concordia  
» E os seus deveres que dimanão faccis  
» Do amor do lucro e do interesse; todos  
» — Vassallos da razão, nossos vassallos —  
» Um eden terreal farão do mundo. »

No emtanto aos crebros golpes do machado  
A cruz pendia obliqua sobre a terra.  
Creando novas forças com tal vista,  
Ôs operarios mais frequentes golpes  
Repetem, vibrão, continuão; — sôa  
Por toda a parte o echo, — o som — mais longe —  
Retumba, morre — e novamente echôa.

Nisto a cruz — geme — estrala; um grito sóbe  
Unisono e geral!..

Como sois grande,  
Senhor Senhor meo Deos! — Eu vi morrendo  
Os obreiros cahir; e a cruz erguer-se,  
Como aos raios do sol a flor mimosa  
Que a raiva do tufão vergára insana.



## III

## PASSAMENTO.

Era um quarto espaçoso; — alli se via  
Rogar no pavimento, ha pouco, as sedas,  
Ricos tapetes multicolor bordados,  
E franjas complicadas d'um céo d'oiro  
Pendentes. — vastos rases narradores  
De lenda pia ou de briosos feitos.  
Mas de tanto lizir. de tanto ornato  
Ora por mãos aváras depredado  
O vasto d'área revelava aos olhos,  
Tendo n'um canto escuro um leito apenas.  
Do leito alguém rasgára o cortinado,  
E da curva armaçã pulida e bella  
Aqui—alli — pendia a seda em fios,  
Bem como tranças de mulher formosa



Por sobre o seio nú. — Alli no leito  
 Jasia um moribundo; em torno os olhos  
 Cheias de pasmo, de terror volvia,  
 Bebendo pelos sofregos ouvidos  
 Mal sentido rumor d'outro aposento.  
 Confusas vozes, altercar ruidoso,  
 E o tinir de metal onvia apenas!  
 Por tres vezes então no leito afflicto  
 Erguer-se maquinou de raiva insano!  
 Por tres vezes cahio, gemendo, — sobre  
 O leito que da queda se sentia.

» Morrer! — dizia o stolido, sentindo  
 » Da morte a crú torpor nos membros frios,  
 » Morrer! — loucura, insania! — Quem me póde  
 » Levar d'aqui — da terra — d'onde hei sido  
 » Motor de tudo a um sobresenho — a um gesto?  
 » Morrer como um villão! morrer! — Quebrada  
 » Sentir a vida em meio em morto as faces  
 » Sentir lavar-me os olhos desses — baixos,  
 » Mesquinhos seres que eu cegava. desses  
 » Que ao volver dos meos olhos se afundião,  
 » Que'hão de rir-se talvez co'aminha morte!  
 » Oh! não quero morrer!... »

— Eis nisto á porta

Um Padre assoma; — d'entre as mãos erguidas  
 Da hostia sancta resplendor luzia;

E palavras de paz, de amor, divinas,  
 Que nos labios do justo Deos entorna,  
 Abundantes soltava. Longos annos  
 De piedoso sofrer o corpo enfermo  
 Alquebrárão por fim; as cãs nevadas  
 Raras tremião sobre a testa eburnea,  
 Como uma estrella sobre o mar, e como  
 Tremia na garganta a voz cançada.

Dizia o bom do velho: — « Irmão, nas ancias,  
 » No extremo agonisar da morte amiga  
 » Ergue os olhos ao céu; — do céu te venha  
 » Esse divino amor, que só lá mora,  
 » Que filtra por nossa alma, que nos deixa  
 » Mais ceieste prazer, mais doce arroubo  
 » Do que a terra sóe dar....

» Infames, trédos,  
 Bufarinheiros de palavras, corvos  
 » De negro, feio agoiro, que esvoação  
 » Com grito grasnador por sobre o campo  
 Onde a peleja de reinar começa,  
 Dizes-me *tu* — a mim! a mim que ao fóro  
 » Camiinho inda hoje entre alas de clientes,  
 Que so me visto de velludo e d'oiro,  
 Em quanto vives de burel coberto,  
 » Co'os labios sobre o pó mordendo a terra!  
 » Dizes-me *tu* — a mim!... »

Ergueo-se, e o corpo  
Cahio de fraco sobre o leito; o velho  
No emtanto humilde orava, que alma sancta  
Do mal cabido insulto não se offende.

Jehovah, que entre myriadas  
Vives de estrellas formosas,  
Que das flôres melindrosas  
Da terra — os anjos formaste;  
Jehovah, que pela agoa  
Lustrar quizeste o Messias,  
Que ao beato, ao sancto Elias  
Nas chamas purificaste;

Jehovah, que a mente apuras  
No fogo do sofrimento,  
Que divino, alto portento  
Déste fazer á Moisés,  
Quando a negra rocha dura  
Tocando co'a tenue vara,  
Rebentou a lympha clara  
Lambendo-lhe mansa os pés;

Jehovah, que eterno existes,  
Cujo ser em si se encerra,  
Que formaste o céu e a terra,  
Que te chamas — o que é, (\*)

(\*) — Ego sum qui sum.

— Faz, Senhor d'altos prodigios ,  
 Com que a mente empedernida  
 Não se aparte desta vida  
 Sem sentir a sancta fé.

E tu, Christo, que sofreste  
 Martyrios por nosso amor,  
 Tu que foste o Salvador,  
 Salva-o, Senhor - por quem és.  
 Dá que em palavras piedosas  
 Se derrame contristado,  
 Como o rochedo tocado  
 Pela vara de Moisés.

E o confuso rumor do outro aposento  
 Crescia mais e mais. — Do moribundo  
 Os cúpidos herdeiros dividião  
 Por si a vasta herança; os torvos olhos  
 Ião de rosto a rosto, fusilando  
 Ameaças de morte.

No entanto o velho exanime e sem forças  
 Curtia amargos transees, que avarento,  
 E tendo a vida emul l presa a terra  
 Com toda a força d'alma, — agora em ancias  
 Sent a o halito vital fugir-lhe.  
 E a terra abandonal-o.

Estuava-lhe a dôr no peito afflicto,  
Só não chorava, que do pranto a fonte  
Jasia extincta; mas pensava triste:  
— Não tinha alguém que lhe cerrasse os olhos,  
Nem quem chorando lhe abrandasse o amargo  
Do extremo agonisar.

E a mente, já medrosa, em feio quadro  
Lhe pintava os seos feitos; — a vingança,  
Que tão grande prazer lhe tinha sido,  
Ora em martyrios se tornava; a chusma  
Dos homicidios seos crescia torva,  
E no leito o cercava.

Crença infantil! dizia; loucos, cegos  
Prejuizos do vulgo! — e assim dizendo  
Os vãos phantasmas repellir buscava.  
Mas a crença infantil, os prejuizos  
Do nescio vulgo rispídos tornavão,  
Como insecto importuno.

Debalde por não ver cerrava os olhos,  
Sobre os olhos debalde as mãos crusava,  
Que as sombras nos ouvidos lhe fallavão,  
E mais distinctas se pintavão n'alma  
— Tão bem molesta, qual se pinta o corpo  
Do espelho no pulido.

E do seo passamento o caso infando  
Narrava uma após outra, sobre o peito  
Mostrando o golpe funebre e cruento;  
Sorvendo o fel da taça amarga o enfermo  
Parecia sorrir, — era qual louco  
Que sofre e um riso finge.

E das visões indo a fugir se arroja  
De sobre o leito delirante; as sombras  
Vôão sobre elle, e em circulo se ordenão.  
O moribundo a esta — a aquella — a todas  
Volve o pavido rosto no mover-se  
Progressivo, incessante.

E preso ao duro embate da vertigem,  
As mestas sombras ao redor com elle  
Fugir sentia; — o pavimento, a casa  
Rapido rodava; — a terra e tudo,  
Como aos soluços d'um volcão tremendo,  
As forças lhe partia.

E o orgulhoso que feliz vivera,  
Movendo a seo bom grado mil escravos,  
Querendo a terra dominar co'um gesto,  
Ora mesquinho, solitario e louco,  
Face a face lutando com seos crimes,  
Morria impenitente.



## IV

## PHANTASMAS.

There are more things in haven and earth, Horatio,  
Than are dreamt of in your philosophy.

HAMLET.

Ia a lua pelo ares  
    Docemente equilibrada,  
Qual linda conxa embalada  
    Pela corrente dos mares.

Era tudo amor; — dormente  
    Era a mesta solidão, —  
Porém eis que de repente  
    Corre de vento um pegão.

Morrendo a luz feiticeira  
    Morre o brilhante do céu,  
Que da lua a face inteira  
    Cobre denso, opaco véo.

Das trevas o véo rasgando  
Fusila breve clarão ,  
No escuro espaço rolando  
Roqueja horrivel trovão.

Ruge ao longe o mar raivoso ,  
Perto — o vento no arvoredos ;  
No Cimiterio medroso  
Surgem phantasmas de medo.

Passando ao través dos muros ,  
Que do mundo os separava ,  
Penetrão no templo escuro :  
Mudo e triste o templo estava.

Do templo nas paredes caminhavão  
As mestas sombras dos que forão ; outros ,  
Como que da vigilia se pesassem ,  
Nos ossos mal seguros se arrastavão.

Como sobre as couceiras se revolvem  
As portas emperradas, tal do templo  
As frias pedras sepulchraes se dobrão.  
Finados mil e mil das campas surgem ,  
Incertas sombras pelos ares vôão ,  
Amalgama-se o pó formando nuvens ,  
E as nuvens pairão n' amplidão sagrada.  
Só um sepulchro permanece inteiro ,



E um espectro ao pé delle; — os longos dedos  
Correndo pela testa, tremebundo  
Carrega sobre a turba o rosto irado.

- » Não poder descançar! — dizia o triste. —
- » Não poder descançar! — Era este um grito  
D'interno sofrimento amargo e duro.
- » O' Morte enganadora, que eu julgava
- » O infinito visão, — além dos mundos
- » Outro mundo não via, — além da vida
- » Minha alma apenas descobria... o nada.
- » De que nos serve o teo poder, traidora?
- » Se a vida tiras, mais penosa a tornas;
- » Se tiras o sofrer, mais delicado,
- » Mais apurado, mais subtil, mais fundo
- » Fazes, cruel, brotar do horror da campa.
- » Estolido que eu fui! — da terra filho,
- » Julguei-me preso á terra, preso ao nada,
- » Julguei-me sem porvir além da vida,
- » Sem acerbo penar na campa acerba! »

Como sentisse a sepultura intacta,  
Raivoso empurra a pedra, que serena  
Sobre outras pedras se deslisa facil,  
Como o barco veloz cortando as ondas,  
Que a mão callosa do barqueiro impelle.

Ah! certo . eu vi! — um putrido cadaver  
Amarelento, ensanguentado e feio,

Pavido erguer-se no sudario involto.  
 Volveo pasmado em torno os olhos turvos,  
 E as pupillas sem luz que extranhão, sentem  
 Agudissima dôr da luz mal vista  
 Da alampada velada. (\*) — Nos ouvidos  
 Mesmo dos mortos o bulicio incerto  
 Com horrído fragor rimbomba, estoura!

— Não julguei acordar! — disse affligido.  
 Mas do finado, que o chamara á vida,  
 Correo nos labios mofador sorriso;  
 » Não julgaste acordar, insano?! — a mente  
 » Perdida não sentiste além dos ares  
 » Vôar além dos céos, além das nuvens?  
 Dizia o espectro: — « Insano, tu cubriste-a  
 » De lodo terreal, cortaste as azas  
 » Desse amigo adejar, de prece amiga  
 » Que vai, que sóbe, perfumado incenso,  
 » Beijar do eterno ser o throno excelso. »

Eis do recém-finado a voz rebrama  
 No recinto do templo; — estoura e ferve  
 No estreito espaço da garganta, como  
 Neve que o sol derrete, que nas orlas

(\*) É o participio passivo com significação activa. Um dos nossos classicos diz:

Rumo e norte dos seus velados olhos.

Do raso leito de regato humilde  
Rebenta em borbulhões de argentea espuma.

» Nas trevas, Senhor Deos, direi teu nome,  
» Cantarei teos louvores do sepulchro,  
» Cantarei teu poder d'entre a gelada  
» Mortalha funeral, e sempre e eterno.  
» Senhor Deos, Senhor Deos, quando os meus  
» Se resequirem teu louvor cantando, (labios  
» Quando rouco meu peito arfar cansado,  
» Minha alma, além dos sóes voando afoita,  
» Irá, Senhor meu Deos, beijar-te as plantas,  
» Nutrir-se palpitante da tua gloria  
» E a luz do teu fulgor do teu conspecto  
» Derramar-se queixosa e afflicta... »

— É tarde!

O espectro lhe bradou. — Misericordia! —  
Clamava a triste sombra que aterrada  
Procurava juntar as mãos rebeldes.  
Foi debalde o querer; debalde as forças  
Concentra o miserando por juntal-as;  
Debalde intenta orar! — a voz lhe falta,  
Do mutilado tronco os braços fogem,  
Fogem do templo na amplidão perdidos.

Mutua força os attrahe, mutua os repelle,  
Fatidiço poder os leva a ambos,  
E alonga o templo mais e mais com elles.

Dos ares a soidão quebrando irado  
Da torre sôa o sino; o som d'agoiros  
Estoura — ruge — vibra — mingoa e morre.

Rapida fuge a multidão dos méstos,  
Sem arruido, sem rumor, — qual fumo  
Levissimo e subtil que se desenha  
Ao reflexo da luz nos brancos muros.



## V

Era o vulto de um homem morto que afastando sudario se hia erguer do tumulo para revelar alguns dos temerosos mysterios que encerra a apparente quietação dos sepulchros.

○ PRESBYTERO.

O negrume da noite avulta ; e cresce  
    Mais feia a escuridão  
À luz da sacra pyra que derrama  
    Froucho e tibio clarão.

Calou-se o canto, a prece, — é mudo o templo ;  
    Apenas fraco sôa  
Da torre o bronze que a nocturna brisa  
    De rumores povôa.

Mas eis que de um sepulchro a pedra fria  
    S'ergue e sobre outras cáe.  
Não se escuta rumor! — da campa livre  
    Medroso espectro sáe.

O rosto ossificado em torno volve ,  
    Volve a suja caveira;  
Do liso craneo os longos dedos varrem  
    A funebre poeira.

Mas inda inteiro o coração se via  
    Do peito nas cavernas,  
Inda sangrento lagrimas chorava  
    De negro sangue eternas.

E caminhando, qual se move a sombra ,  
    Ao órgão se assentou!  
Já não dormem os sons, não dormem echos  
    —O triste assim cantou.

« Onde estás, meo amor, meos encantos,  
Por quem só me pesava morrer,  
Doce vida que a vida me prendes,  
Que inda em morto me fazes sofrer?

» Doce amor, minha vida no mundo,  
Desse mundo em que parte serás,  
Em que scismas, que pensas, que fazes,  
Onde estás, doce amor, onde estás?

» Ah! de balde na campa gelada  
Fria morte me pôde deitar!

Foi de balde, — que eu sinto, que eu ardo ;  
Foi de balde, — que eu amo a penar.

» Ah! si eu triste no mundo pudesse  
Como outr'ora viver, respirar....  
Não podéra dizer-te os ardores  
Que o sepulchro não pôde apagar.

» Onde estás? — Já da morte o bafejo  
Por teu rosto divino roçou ;  
Já na campa descansas finada,  
Que o teu corpo sem vida trago?

» Mas a morte não pôde impiedosa  
Crúa foice vibrar contra ti!  
Ah! tu vives, que eu sinto, que eu soffro  
Crús ardores quaes sempre soffri.

» E eu não posso o teu nome á noitinha  
Entre as folhas saudoso cantar,  
Nem seguir-te nas azas da brisa.  
Nem teu somno de sonhos doirar.

» Nem lembrar-te os queridos instantes  
Que a teu lado arroubado passei,  
Sem cuidados de incerto futuro,  
Só cuidados da vida que amei.

» Não te lembras da noite homicida  
Em que um ferro meo peito varou,  
Quando a facil conversa de amores  
Teo marido cioso quebrou?!

» Desde então hei penado sósinho,  
Verte sangue meo peito — de então,  
Verte sangue que a morte quebrou-me  
Só a vida, — deixou-me a paixão.

» Nosso adultero affecto no mundo  
Não se acaba; — assim quiz o Senhor!  
Não se acaba... — qu'importa? — hei gosado  
Teos encantos gentis, teo amor.

» Por te amar outras fragoas sofrera,  
Outros transes e dôr e penar;  
Oh! poder que eu podesse outra vida  
E outro inferno sofrer por te amar! »

Mas da aurora já raiava  
    Macio e brando clarão;  
Macia e branda a canção  
    Do negro espectro soava.

E medroso se collava  
    Ao orgão seo negro véo,



Que imiga não se ajuntava  
Ao seo vulto a luz do céu.

Pouco e pouco se perdia  
O negro espectro; — a canção  
Pouco e pouco enfraquecia  
Do dia ao manso clarão.

Era o cantar um sohido  
Fraco, incerto e duvidoso;  
Era o vulto pavoroso  
De uma sombra vão tremido.



## VI

## A MORTE.

Dans sa douleur elle se trouvait malheureuse d'être  
immortelle.

FÉNÉLON.

Da aurora vinha nascendo  
O grato e bello clarão ;  
Eu sonhava ! já mais brandos  
Erão meos sonhos então.

Condensou-se o ar n'um ponto  
Cresceo o subtil vapor ;  
Vi formada uma belleza  
Cheia de encantos, de amor.

Mas na candura do rosto  
Não se pintava o carmim ;  
Tinha um quê de cera juncto  
À nitidez do marfim.

— Quem és tú, visão celeste,  
Bello Archanjo do Senhor?  
Respondeo-me:— Sou a Morte,  
Crú phantasma de terror!

— Ah! lhe tornei:— És a morte.  
Tão formosa e tão cruel!  
— Correndo o mundo sósinha  
No meo pallido corsel, (\*)—

Assim dizia— « Tu julgas  
Que não tenho um coração,  
Que executo os meos deveres  
Sem pesar, sem afflicção?

— Que inda em flôr da vida arranco  
Ao joven, sem compaixão,  
Á donzella pudibunda  
Ou ao longévo ancião?

— Oh! não, que eu soffro martyrios  
Do que faço aos mais sofrer  
Soffro dôr de que outros morrem,  
De que eu não posso morrer!

(\*) Et ecce equus pallidus, et qui sedebat super illum nomen illi  
Mors.

— Mas em parte a dôr me cura  
Um pensamento, que é meo, —  
Lembro aos humanos que a terra  
É só passagem p'ra o céo.

— Faço ao triste erguer os olhos  
Para a celeste mansão;  
Em labios que nunca orarão  
Derramo pia oração.

— É meo poder quem apura  
Os vicios que a mente encerra,  
    Ao fogo da minha dôr;  
Sou quem prendo aos céos a terra,  
Sou quem ligo a creatura  
    Ao ser do seo Creador.

— Mas qu'importa? Sem descanso  
É-me forçoso marchar,  
Abater impías frentes,  
Regias frentes decepar.

— Passar ao travez dos homens  
Como um vento abrasador,  
Como entre o feno maduro  
A foice do segador.

— E prostrar uma após outra  
Geração e geração,  
Como a peste que só reina  
Em meio da solidão.» —

Desponta o sol radioso  
Entre nuvens de carmim;  
Cessa o canto pesaroso,  
Como córda aurea de Lyra,  
Que se parte, que suspira  
Dando um gemido sem fim.





# O VATE

## NO ALBUM DE UM POETA

(O Sr. Dr. José Freire de Serpa)

Moi... j'aimerais ta victoire ;  
Pour mon cœur, ami de toute gloire,  
Les triomphes d'autrui ne sont pas un affront :  
Poète, j'eus toujours un chant pour les poètes,  
Et jamais le laurier qui pare d'autres têtes  
Ne jeta d'ombre sur mon front.

V. Hugo.





## O VATE.

Vate! vate! que és tu? — Nos seos extremos  
Fadou-te Deos um coração de amores,  
Fadou-te uma alma accesa borbulhando  
Hardidos pensamentos, como a lava  
Que o gigante Vesuvio arroja ás nuvens.

Vate! vate! que és tu? — Foste ao principio  
Sacerdote e propheta;  
Erão nos céos teos cantos uma prece,  
Na terra um vaticinio.  
E elle cantava então: — Jehovah me disse,  
Magestoso e terrivel.

- » Vês tu Jerusalém como orgulhosa
- » Campêa entre as nações, como no Libano
- » Um cedro a cuja sombra a hyssope cresce?
- » Breve a minha ira transformada em raios
- » Sobre ella cahirá;

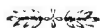
» Um fero vencedor dentro em seos muros  
 » Tributaria a fará;  
 » E quando escravos seos filhos, sobre pedra  
 » Pedra não ficará. »

E os reprobos de sacco se vestião,  
 Em pó, em cinza involtos;  
 E collando co'a terra os torpes labios,  
 E açoitando co'as mãos o peito imbelle,  
 Senhor! Senhor! — clamavão.

E o vate emtanto o pallido semblante  
 Meditabundo sobre as mãos firmava  
 Supplicando ao Senhor do interno d'alma.

Fomos sanctos então. — Homero o mundo  
 Creou segunda vez, — o inferno o Dante, —  
 Milton o paraíso, — fomos grandes!

E hoje!... em nosso exilio erramos tristes,  
 Mimosa esp'rança ao infeliz legando,  
 Maldizendo a soberba, o crime, os vicios;  
 E o infeliz se consola, e o grande treme.  
 Damos ao infante aqui do pão que temos,  
 E o manto além ao misero rachitico;  
 Somos hoje Christãos.



## Á MORTE PREMATURA

DA ILL.<sup>ma</sup> SRA. D. LEONOR FRANCISCA LISBOA SERRA

(No album de seo Irmão o Dr. João Duarte Lisboa Serra.)

Il semble que le ciel aux cœurs les plus magnanimes  
Mesure plus de maux.

LAMARTINE.

Perfeita formosura em tenra idade,  
Qual flôr, que anticipada foi colhida,  
Murchada está da mão da sorte dura.

CAMÕES, *Soneto*.

Lá, bem longe d'aqui, em tarde amena,  
Gosando a viração das frescas auras,  
Que do Brazil os bosques brandamente  
Fazião balançar, — e que espalhavão  
No ether encantado odôr, pureza —  
Do que a roza mais bella, — meiga e casta,  
Como as virgens do sol,

Que de vezes não foi ella pendente  
Dos braços fraternaes em meigo abraço ;  
Como mimosa flôr presa , enlaçada  
A tenro arbusto que a vergonhea debil  
Lhe ampara docemente!...

E o Irmão que só n'ella se revia ,  
O Irmão que a adorava , qual se adora  
Um mimo do Senhor ,  
Que a tinha por pharol , conforto e guia ,  
Os seos dias contava por encantos ;  
E as virtudes co'os dias pleiteavão.

E ella morreo no viço de seos annos!...  
E a lagem fria e muda dos sepulchros  
Se fechou sobre o ente esmorecido  
Ao despontar da vida ,  
Tão rico de esperanças e tão cheio  
De formosura e graças!...

Campa! campá! que terror me incutes!  
Quanto esse teo silencio me horrorisa!  
E quanto se assemelha a tua calma  
A do cruel malvado que impassivel  
Contempla a sua victima torcer-se  
Em convulsões horriveis, desp'radas ,  
Cruas vascas da morte!...  
Quem tão má te creou?

Tu que tragas o ente que esmorece  
    Ao despontar da vida,  
Tão rico de esperanças e tão cheio  
    De formosura e graças?!.  
O pharol se apagou! a luz sumio-se!  
Como o fugaz clarão do meteóro,  
Extinguiu-se a esperança; — e o mal-fadado  
Sobre a terra deserta em vão procura  
Traços d'essa que amou, que tanto o amára,  
Da jovem companheira de seos brincos,  
    Pezares e alegrias.  
Elle a procura!... o viajor pasmado  
Nos campos de Pompeia, alonga a vista  
    Pela amplidão do praino,  
Destroços e ruínas encontrando,  
Onde esperava achar acção e vida.

Não poder eu a trôco de meu sangue  
Poupar-te dessas lagrimas metade!  
Não poder eu correr por esse mundo,  
Espessas brenhas, escarpadas rochas,  
Assoberbar torrentes, e trazer-te  
As agoas soporíferas do Lethes!  
Oh! poder que eu pudesse! — e almo sorriso,  
Que tanto me compraz ver-te nos labios,  
    Inda uma vez brilhasse!  
    E essa existencia,  
Que tão cara me é, t'a visse eu leda,

E feliz como a vida dos Archanjos!  
Infeliz é quem chora: ella finou-se,  
Porque os anjos á terra não pertencem;  
Mas lá dos immortaes sobre os teos dias  
A suspirada irmã vela incessante.

Vinde, candidas rozas, açucenas,  
Vinde roxas saudades;  
Orvalhai tristes lagrimas, as c'roas,  
Que hão de a campa adornar por mim depostos  
Em holocausto á victima da morte.  
Innocencia, pudor, belleza e graça  
Com ella n'essa campa adormecêrão.  
Anjo no coração, anjo no rosto,  
Devera o amor chorar sobre o teo seio,  
Que não grinaldas funebres tecer-te;  
Devera a voz d'um esposo acalentar-te  
O somno da innocencia, — não grosseira,  
Canção de trovador não conhecido.

Coimbra, Junho de 1841.



**A MENDIGA.**

Donnez: —

Et quand vous paraîtrez devant le juge austère,

Vous direz: J'ai connu la pitié sur la terre,

Je puis la demander aux cieux!

Touquity.

**I.**

Eu sonhei durante a noite...

Que triste foi meo sonhar!

Era uma noite medonha,

Sem estrellas, sem luar.

E ao travez do manto escuro

Das trevas, meos olhos vião

Triste mendiga formosa,

Qu'infortunios consumião.

Era uma pobre mendiga,

Porém candida donzella;

Pudibunda — affavel — doce —

Amorosa, e casta, e bella.

Vestia rotos andrajos ,  
Que o seo corpo mal cubrião ;  
Por vergonha os olhos d'ella  
Sobre ella se não volvião.

Pelas costas descobertas  
Cortador o frio entrava ;  
Tinha fome e sede, — e o pranto  
Nos seos olhos borbulhava.

E qual vemos dos céos descendo rapido  
Um fugaz meteóro, vi descendo  
Um anjo do Senhor ; — parou sobre ella ,  
E mudo a contemplava. — Uma tristeza  
Sympathica, indisivel pouco e pouco  
Do anjo nas feições se foi pintando ,  
Qual tristeza de irmão que o irmão mais novo  
Conhece inferno e chóra. — Ella no peito  
Menor sentio a dôr, e humilde orava.

## II.

De um vasto edificio nas frias escadas  
Eu vi-a sentada ; — era um templo, dizião ,  
Secreto concilio de socios piedosos ,  
Que o bem tinha juntos, que bem só fazião.



Defronte um palacio soberbo se erguia,  
E d'elle partia confuso rumor:  
—A dança girava, e a orchestra sonora  
Cantava alegria, prazeres e amor.

E quando ao palacio um conviva chegava,  
Rugindo se abria o ruidoso portão;  
Efluvios de incenso nos ares corrião  
Da rua esteirada com vivo clarão.

E a triste mendiga ali'stava ao relento,  
Com fome, com frio, com sede e com dôr;  
E eu vi o seo anjo mais triste no aspecto,  
Mais baço, mais turvo da gloria o fulgor.

E á porta do vasto sombrio edificio  
Um vulto chegou.  
—Senhor, uma esmola!—bradou-lhe a mendiga,  
E o vulto parou.

E rude no accento, no aspecto severo,  
Lhe disse:—O teu nome?—  
Tornou-lhe a mendiga:—Senhor, uma esmola,  
Que eu morro de fome.

—Não dizes teu nome?—lhe torna o soberbo.  
—Sou orphã, sosinha;

Meo nome qu'importa, se eu soffro, se eu gemo,  
Se eu choro mesquinha!

Em vis meretrises não cabe esse orgulho,  
Tornou-lhe o Senhor,  
Que á noite — nas trevas — contractão no crime,  
Vendendo o pudor.

E á porta do templo erguido á piedade  
Com força batia;  
Co'o peso do insulto jungido a crueza  
A triste gemia.

## III.

Ouvi depois um rodar que a todo o instante  
Mais distincto se ouvia; e logo um forte,  
Fascinador clarão por toda a rua  
Se derramou soberbo. — Infundos pagens  
Ricas librés trajando, mil archotes  
Nos ares revolvão; — fortes, rapidos,  
Fumegantes corseis sorvendo a terra  
Tiravão rica sege melindrosa.  
Sobre a terra saltou airosa e bella  
A dona em frente do festivo paço;  
E a mendiga bradou: — Senhora minha,

Dai uma esmola, dai! — A' voz dorida  
Volveo-se o rosto d'anjo, porém d'anjo  
Não era o coração; — foi-lhe importuno,  
Mais que importuno... da mesquinha o grito!  
E da mendiga o protector celeste  
Parecia fallar em favor d'ella;  
E a rica dona o escutava, como  
Se ouvisse a interna voz que dentro mora.  
E eu dizia tãobem: — O' bella Dòna,  
Dai-lhe uma esmola, dai; — de que vos serve  
Um óbolo mesquinho que não póde  
Siquer um diche sem valor comprar-vos?  
Ah! bella como sois, que vos importão  
Custosas flôres, com que ornais a fronte?  
Para a salvar do vortice do crime,  
O preço d'ellas, de uma só, da coisa,  
Que sem valor julgardes, é bastante.  
Sabeis? — Além da vida, além da morte,  
Quando deixardes o oiropel na campa,  
Quando subirdes do Senhor ao throno,  
Sem andrajos siquer, tãobem mendiga,  
Ali tereis as lagrimas do pobre,  
A benção do affligido, a prece ardente  
Do que sofrendo vos bemdice, — ó Dona...

Fechou-se a porta festival sobre ella.  
E a donzella se ergueo, córou de pejo,  
Lançando os olhos pela rua escura,

E segura no andar, e firme, á porta  
Do palacio bateo — entrou — sumio-se.

E o anjo, como afflicto sob um peso,  
Um gemido soltou; era uma nota  
Melancolica e triste, era um suspiro  
Mavioso de virgem, — um soido  
Subtil, mimoso, como d'Harpa Eolia  
Que a brisa da manhã roçou medrosa.

## IV.

Dos muros ao travez meos olhos virão  
Soberba roda de convivas, — todos  
Velludos, sedas, e custosas galas  
Trajavão senhoris. — Reinava o jogo,  
Aváro grave, leda e viva a dança  
Em vortices girava, a orchestra doce  
Cantava occulta; condensados, bastos,  
Em redor do banquete estavam muitos.  
A mendiga ali estava, — não trajando  
Sujos farrapos, mas delgadas telas.  
Chovião brindes e canções e vivas  
Á Deosa airosa do banquete; — todos  
Um volver dos seos olhos, um sorriso,  
Uma voz de ternura, um mimo, um gesto

Cubiçavão rivaes; — e ali com ella,  
Como um raio do sol por entre as nuvens  
Lá na quadra hiberna penetra a custo  
Quasi sem vida, sem calor, sem força,  
Menos brilhante eu vi seo anjo bello.  
Nos curtos labios da feliz mendiga  
Passava rapido um sorriso ás vezes;  
Outras chorava no volver do rosto,  
Na taça do prazer sorvendo o pranto.  
Encontradas paixões sentia o anjo:  
Parecia chorar co'o seo sorriso,  
Parecia sorrir co'o chôro d'ella.



**A ESCRAVA.**

O' bien qu'aucun bien ne peut rendre,  
Patrie, doux nom que l'exil fait comprendre!

MARINO FALIERO.

Oh! doce paiz de Congo,  
Doces terras d'além mar!  
Oh! dias de sol formoso!  
Oh! noites d'almo luar!

Desertos de branca areia  
De vasta, immensa extensão,  
Onde livre corre a mente,  
Livre bate o coração!

Onde a leda caravana  
Rasga o caminho passando,  
Onde bem longe se escuta  
As vozes que vão cantando!

Onde longe inda se avista  
O turbante musulmano,  
O Yatagan recurvado  
Preso á cinta do Africano !

Onde o sol na areia ardente  
Se espelha, como mar;  
Oh! doces terras de Congo,  
Doces terras d'além mar!

---

Quando a noite sobre a terra  
Desenrolava o seo véo,  
Quando siquer uma estrella  
Não se pintava no céo;

Quando só se ouvia o sopro  
De mansa brisa fagueira,  
Eu o aguardava — sentada  
Debaixo da bananeira.

Um rochedo ao pé se erguia,  
D'elle á base uma corrente,  
Despenhada sobre pedras,  
Murmurava docemente.

E elle ás vezes me dizia :  
— Minha Alsgá, não tenhas medo;

Vem commigo , vem sentar-te  
Sobre o cimo do rochedo.

E eu respondia animosa :  
— Irei contigo, onde fores! —  
E tremendo e palpitando  
Me cingia aos meos amores.

Elle depois me tornava  
Sobre o rochedo — sorrindo :  
— As agoas d'esta corrente  
Não vês como vão fugindo ?

Tão depressa corre a vida ,  
Minha Alsgá ; — depois morrer  
Só nos resta!... — Pois a vida  
Seja instantes de prazer.

Os olhos em torno volves  
Espantados — Ah ! tão bem  
Arfa o teu peito anciado !...  
Acaso temes alguém ?

Não receis de ser vista ,  
Tudo agora jaz dormente ;  
Minha voz mesmo se perde  
No fragor d'esta corrente.



Minha Alsgá, porque estremecees?  
Porque me foges assim?  
Não te partas, não me fujas,  
Que a vida me fogue a mim!

Outro beijo acaso temes,  
Expressão de amor ardente?  
Quem o ouviu? — o som perdeu-se  
No fragor d'esta corrente.

Assim praticando amigos  
A aurora nos vinha achar!  
Oh! doces terras de Congo,  
Doces terras d'além mar!

---

Do rispido Senhor a voz irada,  
Rabida sôa,  
Sem o pranto enchugar a triste escrava  
Pavida vôa.

Mas era em mora por scismar na terra,  
Onde nascera,  
Onde vivera tão ditosa, e onde  
Morrer devera!

Sofreo tormentos, porque tinha um peito,  
Que inda sentia;  
Misera escrava! no sofrer cruento,  
Congo! dizia.



**AO DR. JOÃO DUARTE LISBOA SERRA.**

23 de Agosto.

Mais um pungir de acerrima saudade,  
Mais um canto de lagrimas ardentes,  
Oh! minha Harpa,—oh! minha Harpa desditosa.

Escuta, oh! meo amigo: da minha alma  
Foi uma lyra outr'ora o instrumento;  
Cantava n'ella amor, prazer, venturas,  
Até que um dia a morte inexoravel  
Triste pranto de irmão veio arrancar-te!  
As lagrimas dos olhos me cahirão,  
E a minha lyra emmudeceo... — quebrei-a.  
Então aventei eu que a vida inteira  
Do bardo era um perenne sacerdocio  
De lagrimas e dôr; — tomei uma Harpa:  
Na corda da afflicção gemeo minha alma,

Foi meo primeiro canto um epicidio;  
Minha alma baptizou-se em pranto amargo,  
Na fragoa do sofrer purificou-se!

Lancei depois meos olhos sobre o mundo,  
Cantos do sofrimento e da amargura;  
E vi que a dôr aos homens circumdava,  
Como em roda da terra o mar se estreita;  
Que apenas desfructamos, — miserandos!  
Desbotado prazer entre mil dôres,  
— Uma roza entre espinhos aguçados,  
Um ramo entre mil vagas combatido.

Voltou-se então p'ra Deos o meo espirito,  
E a minha voz queixosa perguntou-lhe:  
— Senhor, porque do nada me tiraste,  
Ou porque a tua voz omnipotente  
Não fez secar da minha vida a seve  
Quando eu era principio e feto apenas?

Outra voz respondeo-me dentro d'alma:  
— Ardão teos dias como o feno, — ou durem  
Como o fogo de tocha resinosa,  
— Como roza em jardim sejam brilhantes,  
Ou baços como o cardo montesinho,  
Não deixes de cantar, ó triste bardo. —

E as cordas da minha harpa — da primeira  
Á extrema — da maior á mais pequena,

Nas azas do tufão — entre perfumes  
Um cantico de amores exaltarão  
Ao throno do Senhor; — e eu disse ás turbas:  
— Elle nos faz gemer porque nos ama,  
Vem o perdão nas lagrimas contrietas,  
Nas azas do sofrer desce a clemencia;  
Sobre quem chora mais elle mais vela,  
Seo amor divinal é como a lampada,  
Na abobeda d'um templo pendurada,  
Mais luz filtrando em mais opácas trevas.

Eu o conheço: — o cantico do bardo  
É balsamo ao que morre, — é lenitivo,  
Mas doloroso — mas funereo e triste  
A quem lhe carpe infausto a morte crua.  
Mas quando a alma do justo espedaçando  
O envulcre de lodo aos céos remonta,  
Como estrada de luz correndo os astros,  
Seguindo o som dos canticos dos anjos  
Que na presença do Senhor se elevão,  
Choro... tão bem Jesus chorou a Lazaro!  
Mas na excelsa visão que se me antolha  
Bebo consolações, — minha alma ancia  
A hora em que tão bem ha de asilar-se  
No seio immenso do perdão do Eterno.

Chora, amigo; porém quando sentires  
O pranto nos teos olhos condensar-se,

Que já não pôde mais banhar-te as faces,  
Ergue os olhos ao céo, onde a luz mora,  
Onde o orvalho se cria, onde parece  
Que a tímida esperança nasce e habita.

E se eu — feliz! — poder inda algum dia  
Ferir por teu respeito na minha harpa  
A leda corda onde o prazer palpita,  
A corda do prazer que ainda inteira,  
Que virgem de emoção inda conservo,  
Suspenderei minha harpa d'algum tronco  
Em off'renda á fortuna; — ali sosinha,  
Tangida pelo sopro só do vento,  
Hade mysterios conversar co'a noite  
De acorde extreme perfumando as brisas;  
Qual Harpa de Sião presa aos salgueiros  
Que não ha de cantar a desventura  
Tendo cantos gentis vibrado n'ella.



**LAGRIMAS SEM DOR — E DOR COM LAGRIMAS.**

Sumio-se além o sol involto em raios,  
E do lado fronteiro a branca lua  
Levanta a fronte pallida entre montes,  
E nas agoas do limpido regato  
          Estampa a face inteira.

E en irei sentar-me junto ás margens  
          Do limpido regato;  
Irei scismar sosinho, a sós co'a noite;  
          Nas minhas penas crúas.

Quero sentir da tarde o fresco orvalho  
          Nos meos cabellos;  
Quero escutar nas folhas o susurro  
          Da mansa brisa;

Quero escutar o som da lympha clara  
    Por sobre as pedras;  
Quero escutar do passaro o gemido  
    De sob as rainas :

Quero vê-la tão bem que lia tempos ando  
    Scismando n'ella;  
Que, ha tempos, sempre a encontro triste e muda  
    Junto á ribeira.

Ei-la sentada ali entre os salgueiros,  
    Pallida a fronte ,  
Loiros cabellos sobre testa eburnea,  
    Candida a veste.

Anjo — encanto — mulher , que es tu na terra?  
Quem n'alma te gravou scismar tão triste ,  
Tão triste pallidez quem te ha gravado  
    No semblante formoso?

Oh! se minha alma afflicta inda prazeres  
Sentir podesse , — se inda amar amasse ,  
Se os meos olhos pisados não vertessem  
    A fio agra corrente ;

Anjo — encanto. — mulher , foras meo nume ,  
Foras meo sangue , meo prazer , minha alma ,



Minha estrella de amor, meo anjo e vida,  
Pensamento e querer.

Na flôr da mocidade, quando a vida  
Por entre flôres, recendendo aromas,  
Risonha e festival, sem medo corre  
D'agoireiro futuro;

Porque em vez de nutrir brandos amores  
Definhas sem brilhar em festa, em jogos,  
Sem um meigo sorrir nos curtos labios,  
Sem côr nas alvas faces?

Anjo — encanto — mulher, porque o teu pranto  
Corre agora espontaneo sobre as aguas  
Do limpido regato, como lagrimas  
De Nayade gentil?

Porque choras assim? — Trahida amante  
Vens de enganado amor as penas cruas  
Curtir na soledade?

Mas quem tão negro feito perpetrára?  
Quem ha que se os teos olhos lhe sorrissem,  
Não murrêra de amores?

Não o fizera, não, — que tal façanha  
Não a faz coração d'homem, que sente,  
Que vê taes graças;

Que visse uma só vez, qual vejo agora,  
Co'as estrellas do céo pleitear brilho  
Teos olhos tão mimosos.

Morreio-te acaso a mãe?— Erma e sosinha,  
Vens d'amor filial durante a noite  
Pagar tributo amargo?  
Mas ei-la que ali vem terna, anciada,  
Por te ver, por te ouvir, por esse pranto  
Secar co'um doce beijo.

Ah! chora sempre e sempre; — corre o pranto  
Espontaneo e fagueiro n'essa idade,  
Como orvalho da noite;  
Emquanto o máo blasfema o bom soluça;  
Alma do céo folga em chorar sosinha  
N'este exilio da terra.

Ah! chora sempre e sempre, que esse pranto  
No seio maternal hoje se entorna,  
Que não em terra sáfara;  
Doido por muito amar, por ser amado,  
Gentil mancebo ha de amanhã sorver-t'ó  
N'um osculo de amor.

Mas eu quando em silencio as fontes abro  
D'este meo coração, embalde os labios

Donzella ou mãe solução ;  
Pelo meo rosto em fio se deslisa  
Meo triste pranto , e alvissimo se expande  
Na pedra de um sepulchro.



## O DESTERRO DE UM POBRE VELHO,

Et dulces moriens reminiscitur Argos.  
Vino.

Oy! schwer ist's, in der Fremde sterben unbeweint!  
Schiller.

A aurora vem despontando,  
    Não tarda o sol a raiar;  
Cantão aves, — a natura  
    Já começa a respirar.

Bem mansa na branca areia  
    Onda queixosa murmura,  
Bem mansa aragem fagueira  
    Entre a folhagem susurra.

—  
É hora cheia de encantos,  
    É hora cheia de amor;  
A relva brilha enfeitada,  
    Mais fresca se mostra a flôr.

Esbelta joga a fragata,  
    Como um corsel a nitrir;  
Suspensa a amarra tem presa,  
    Suspensa, que vai partir.

Demandando essa fragata,  
    Leve barco vem nadando;  
Traz um velhò cujas faces  
    Mudo choro está cortando.

Quem era o velho tão nobre,  
    Que chorava,  
Por assim deixar seos lares,  
    Que deixava?

Ancião, porque te ausentas?  
    Corres tu traz de ventura?  
Louco! a morte já vem perto,  
    Tens aberta a sepultura.

Louco velho, já não sentes  
    Bater frouxo o coração?  
Oh! que o sente! — É lei d'exílio  
    A que o leva em tal sasão!

Não ver mais a cara patria,  
    Não ver mais o que deixava,  
Não ver nem filhos, nem filhas,  
    Nem o casal, que habitava!...

Oh! que é má pena de morte,  
A pena de proscrição;  
Traz dôres que martyrisão,  
Negra dôr de coração!

Pobre velho! — longe — longe  
Vás sustento mendigar;  
Tens de sofrer novas dôres,  
Novos males que penar.

Não t'ha de valer a idade,  
Nem a dôr tamanha e nobre;  
Tens de sofrer vis affrontas,  
— Insultos que sofre o pobre!

Nada acharás no degredo,  
Que falle dos filhos teos;  
Ninguem sente a dôr do pobre...  
Só te fica a mão de Deos.

O sol que além vês raiando  
Entre nuvens de carmim,  
N'outros climas — n'outras terras  
Não verás raiar assim.

Não verás a rocha erguida,  
Onde t'ias assentar,  
Nem o som bem conhecido  
Do teu sino has de escutar.

Ha de cahir sobre as ondas  
O pranto do teo sofrer,  
E n'esse abysmo salgado,  
Salgado — se ha de perder.

Já chegou junto á fragata,  
Já na escada se apoiou,  
Já com voz intercortada  
Ultimo adeos soluçou.

Canta o nauta, e solta as velas  
Ao vento que o vai guiar;  
E a fragata mui veleira  
Vai fugindo sobre o mar.

E o velho sempre em silencio  
A calva testa dobrou,  
E pranto mais abundante  
O rosto senil cortou.

Inda se vê branca a vela  
Do navio, que partio;  
Mais além — inda se avista!  
Mais além — já se sumio!



**O ORGULHOSO.**

Eu o vi!—tremendo era no gesto,  
Terrível seo olhar;  
E o senho carregado pretendia  
O globo dominar.

Tremendo era na voz, quando no peito  
Fervia-lhe o rancor!  
E aos demais homens, como um cedro á relva,  
Elle era sup'rior.

E o pobre agricultor, junto a seos filhos,  
Dentro de humilde lar,  
Quizera, antes que os d'elle, ver de um Tigre  
Os olhos fusilar;



Que a um filho seo talvez quizera o nobre  
Para um Executor;  
Ou para o leito infesto alguma filha  
Do triste agricultor.

Quem ousaria resistir-lhe? — Apenas  
Algum pobre ancião  
Já sobre o seo sepulchro, desejando  
A morte e a salvação.

---

Alguns dias apenas decorrêrão;  
E eis que elle se sumio:  
E a lagem dos sepulchros fria e muda  
Sobre elle já cahio.

E o barbaro tropel dos que o servião  
Exulta com seo fim!  
E a turba applaude; e ninguem chora a morte  
Do homem tão ruim.



## O COMETA.

Ao Sr. Francisco Suteiro dos Reis, em agradecimento ao seo obsequioso artigo — O  
DESABROCHAR DO TALENTO — inserto em um dos numeros da sua *Revista Maranhense*.

Non est potestas, quæ comparetur ei qui  
factus est ut nullum timeret.

JOB.

Eis nos céos rutilante igneo cometa!  
A immensa cabelleira o espaço alastra,  
E o nucleo, como um sol tingido em sangue,  
Alvacento luzir véрте agoireiro  
Sobre a pavida terra.

Poderosos do mundo, grandes, povo,  
Dos labios removei a taça ingente  
Do prazer festival, eis que rutila  
O sanguineo cometa em céos infindos!...  
Terricolas, — sois vermes.

O Senhor o formou terrível, grande;  
Como indocil corcel que morde o freio,  
Retinha-o só a mão do Omnipotente.  
Alfim lhe disse: — Vai, Senhor dos Mundos,  
Senhor do espaço infindo.

E qual louco temido, ardendo em furia,  
Que ao vento solta a coma desgrenhada,  
E vai, nescio de si, livre de ferros,  
De encontro ás duras rochas, — tal progrede  
O cometa incansavel.

Se na marcha veloz encontra um mundo,  
O mundo em mil pedaços se converte;  
Mil centelhas de luz brilhão no espaço  
A esmo, como um tronco pelas vagas  
Infrenes combatido.

Se junto d'outro mundo acaso passa,  
Comsigo o arrastra e leva transformado;  
A cauda portentosa o enlaça e prende,  
E o astro vai com elle, como argueiro  
Em turbilhão levado.

Como Leviathan perturba os mares,  
Elle perturba o espaço; — como a lava,  
Elle marcha incessante e sempre; — eterno,

Marcou-lhe largo gyro a lei que o rege,  
— As vezes o infinito.

Elle carece então da eternidade!  
E aos homens diz — e magestoso e grande —  
Que jamais o verão; — e passa, — e longe  
Se entranha em céos sem fim, como se perde  
Um barco no horisonte!



O OIRO.

Oiro, — poder, encanto ou maravilha  
Da nossa idade, — regedor da terra,  
— Estatua colossal com pés d'argilla  
Que dás honra e valor, virtude e força,  
Que tens offertas, oblações e altares, —  
Embora teo louvor cante na lyra  
Vendido Menestrel que pôde insano  
Do grande á porta renegar seo genio!  
Outro, sim, que não eu. — Bardo sem nome,  
Com pouco vivo; — sobre a terra, á noite,  
Meo corpo lanço, descançando a fronte  
N'um tronco ou pedra ou mal nascido arbusto.  
Sou mais que um rei co'o meo docel de nuvens,  
Que tem gravados scintillantes mundos!  
Com a vista no céu percorro os astros,  
Vagucia a minha mente além das nuvens,

Vagueia o meo pensar — alto, sublime  
Além de quanto o olhar nos céos alcança.

Então do meo Senhor me cala n'alma  
D'amor sereno melindroso enlevo.  
Se tento ás gentes redizer seo nome,  
Queimadoras palavras se atropellão  
Nos meos labios; — prophetica harmonia  
Referve, anceia, e em borbotões se expande.  
Tenho na terra o corpo — em Deos a mente,  
— Em Deos meo pensamento e meos desejos;  
Amor, e coração, vida, e futuro  
Em Deos, sómente em Deos!

Do mundo as illusões, vaidade, engano,  
Da vida a mesquinhez — prazer ou pranto —  
Tudo seo nome arrastra, prostra e some;  
Como aos raios do sol desfeito o gêlo,  
Que undoso corre no pendor do monte,  
Precipite e ruidoso, — arbustos, troncos  
Comsigo no passar rompidos leva.



**A UM MENINO.**

Offerecida á Ex.<sup>ma</sup> Sra. D. M. L. L. V.

**I**

Gentil, engraçado infante  
Nos teos jogos inconstante,  
Que tens tão bello semblante,  
Que vives sempre a brincar,  
— Dos teos brinquedos te esqueces  
À noitinha, — e te entristeces  
Como a bonina, — e adormeces,  
Adormeces a sonhar !

**II**

Infante, serão primores  
De varias, viçosas flôres ,

Ou são da aurora os fulgores  
Que vem teos sonhos doirar?  
Foi de algum ente celeste,  
Que de luzeiros se veste,  
Ou da brisa é que aprendeste,  
Que aprendeste a suspirar?

## III

Tens no rosto acalorado  
Um qual retrato acabado  
De um sentir aventurado,  
Que te ri no coração;  
É talvez a voz mimosa  
De uma fada caprichosa,  
Que te promete amorosa  
Algum brilhante condão!

## IV

Ou por ventura és contente,  
Porque no sonho, que mente,  
Phantasiaste innocente  
Algum dos brinquedos teos!...  
Senhor, tens bondade infinda  
Fizeste a aurora bem linda  
Creaste na vida ainda  
Um'outra aurora dos céos.



## V

O som da corrente pura,  
A folhagem que susurra,  
Um accento de ternura,  
De ternura divinal;  
A indisivel harmonia  
Dos astros no fim do dia,  
A voz que Memnon dizia,  
Que dizia matinal;

## VI

Nada d'isto tem o encanto,  
Nada d'isto póde tanto  
Como o risonho quebranto,  
Divino — do seo dormir;  
Que nada ha como a Donzella  
Pensativa, doce e bella,  
E a comparar-se com ella...  
Só de um infante o sorrir.

## VII

Mas de repente chorando  
Despertas do somno brando

Assustado e soluçando...  
Foi uma revelação!  
Esta vida acerba e dura  
Por um dia de ventura  
Dá-nos annos de amargura  
E fragoas do coração.

## VIII

Só aquelle que da morte  
Sofreo o terrivel córte,  
Não tem dôres que suporte,  
Nem sonhos o acordarão :  
Gentil infante engraçado,  
Que vives tão sem cuidado,  
Serás homem — mal peccado!  
Findará teo sonho então.



**MISERRIMUS.**

Quando o inverno chegou, — por sobre a terra  
O robre secular espalha a cõma,  
Que o rabido tufão cortou de morte.  
Despida e núa jaz a flôr mimosa,  
Agora hastea sómente; e o sol brilhante  
Despede a custo a luz que mal penetra  
As nuvens trovejadas que o circundão.

Mas o inverno passou! — De novo assume  
Virente rama o robre gigantesco,  
A flôr formosa e bella vem brotando,  
E o sol, rei do horisonte, já rutila  
Em céu de puro azul auri-brilhante.

Mas quando o descengano, qual tormenta  
Que por desertos só valente reina,

Do quente coração arranca, esmaga  
Esp'ranças, que o amor encfiteçava,  
Em vão a natureza ufana brilha,  
Em vão de puro orvalho a flôr se arreia,  
Em vão dardeja o sol seos quentes raios,  
Em vão!... que o coração jaz frio e murcho,  
E não mais viverá! — que a alma sentida  
Conhece que o amor é só mentira,  
Que é mentira o prazer, mentira tudo.

---

Um dia appareceo um recém-nado,  
Como a conxa que o mar á praia arroja,  
Cresceo; — qual cresce a planta em terra inculta,  
Que ninguem educou; — a chuva apenas.  
Infante — vio de roda sepulturas,  
Em que não attentou; — sonhos mimosos,  
Acordado ou dormindo, lhe doiravão  
A infancia leve, d'innocencia rica.  
Vio bello o ar, e terra, e céos, e mares,  
Vio bella a natureza, como a noiva  
Sorrindo em breve dia de noivado!  
Então sentio brotarem na sua alma  
Sonhos de puro amor, sonhos de gloria;  
Sentio no peito um mundo de esperanças,  
Sentio a força em si — patente o mundo.

Forte se levantou! correo feroso,  
E qual aguia que nas azas se equilibra  
Começou a trilhar da vida a senda.  
Um monte além topou; mais vagoroso  
Subio, — vingou mais lento! — Inda mais outro  
Colossal — descalvado — ingreme e liso,  
Costeou, mas cançou, que era sósinho!  
Sentou-se, e mudo, e fraco, e pensativo  
Á borda do caminho; e sobre o peito  
A cabeça inclinou, crusando os braços.  
Minha mãe! — soluçou; e um echo ao longe  
Minha mãe! — respondeo. — Sentio que a fome  
Dolorosa as entranhas lhe apertava,  
E sede intensa a ressequir-lhe as fauces;  
Fome e sede curtio como n'um sonho.  
Do rosto nas maçãs descoloridas  
— Filtro do coração — sentio que o pranto  
Ardente escorregava a tez queimando.  
Muda era a sua dôr, — d'homem que sofre,  
Que chora isento de vergonha ou crime.

Encontrou mais além no seo caminho,  
Bella na sua dôr, sósinha e fraca,  
Figura virginal que ali jazia.  
Esqueceo-se de si pensando n'ella;  
Nova força creou, — novo incentivo,  
Coragem nova o seo amor creou-lhe.  
Lavou-lhe os curtos pés, — contra o seo peito

Do frio a protegeo, — tomou nos braços  
A carga tão mimosa! — E ella co'os olhos,  
Que o amor vendava um pouco, agradecia.  
E ella pôde viver; — disse que o amava,  
Que era o seo coração d'elle — e só d'elle: —  
Disse, e mais que uma vez, com peito e labios  
No peito e labios d'elle; — era mentira!

E elle o conheceo! por precipicios  
Descrido se arrojou, sentindo a morte,  
Seo berço entre sepulchros procurando.

Aqui — ali — além — erão sepulchros;  
E o nome de sua mãe, sequer não pôde  
Dos nomes conhecer de tantos mortos.

E só no seo morrer, qual só na vida,  
Na terra se estendeo; nem dôr, nem pranto  
Tinha no coração que era já morto!

E alguém, que ali passou, vendo um cadaver  
De sanie e podridão comido e sujo,  
Co'o pé n'um fosso o revolveo; — e terra  
Cahida acaso o sepultou p'ra sempre.

Amizade! —illusão que os annos somem;  
Amor! — um nome só, bem como o nada,  
A dôr no coração, delicias n'alma,  
Nos labios o prazer, nos olhos pranto  
—Tudo é vão, tudo é vão, excepto a morte.



**O PIRATA.**

(EPISODIO.)

Nas azas breves do tempo  
Um anno e outro passou,  
E Lia sempre formosa  
Novos amores tomou.

Novo amante mão de esposo  
De mimos cheia lhe off'rece;  
E bella, apesar de ingrata,  
Do que a amou Lia se esquece.

Do que a amou, que longe pára,  
Do que a amou, que pensa n'ella,  
Pensando encontrar firmeza  
Em Lia que era tão bella!



N'esse palacio deserto  
    Já luzes se vê luzir ,  
Que vem nas sedas , nos vidros  
    Cambiante reflectir.

Os echos alegres sôão,  
    Sôa ruidosa harmonia,  
Sôão vozes de ternura ,  
    Vozes de meiga magia.

E qual ave que em silencio  
    A face do mar desflora ,  
Á noite bella fragata  
    Chega ao porto , amaina , ancóra.

Cáe da popa e fere as ondas  
    Inquieta , esguia falua ,  
Que resvala sobre as agoas  
    Na esteira que traça a lua.

Já na vacua praia toca ;  
    Um vulto em terra saltou ,  
Que na longa escadaria  
    Preságo e torvo enfiou.

Malfadado! por que aportas  
    Á este sitio fatal!  
Queres o brilho augmentar  
    Das bodas do teo rival?

Não, que a vingança lhe range  
Nos duros dentes cerrados,  
Não, que a cabeça referve  
Em mãos projectos damnados!

Não, que os seos olhos bem dizem  
O que diz seo coração;  
Terríveis, como um espelho  
Que retratasse um vulcão.

Não, que os labios descorados  
Vociferão seo rival;  
Não, que a mão no peito aperta  
Seo ponteagudo punhal.

Não, por Deos, que taes affrontas  
Não as sóe deixar impunes,  
Quem tem ao lado um punhal,  
Quem tem no peito ciumes!

Subio! — e vio com seos olhos  
Ella a rir-se que dançava,  
Folgando — infame! — nos braços  
Porque assim o assassinava.

E elle avançou mais avante,  
E vio... o leito fatal!  
E vio... e cheio de raiva  
Cravou no meio o punhal.

E avançou... e á janella  
    Sosinha a vio suspirar ,  
— Saudosa e bella encarando  
    A immensidade do mar.

Como se vira um espectro ,  
    De repente ella fugio !  
Tal foge a corça nos bosques  
    Se leve rumor sentio.

Que foi? — Quem sabe dizel-o?  
    Forão vislumbres de dôr ;  
Coração, que tem remorsos,  
    Sente continuo terror!

Elle a janella chegou-se,  
    Horriavel nada encontrou...  
Sómente — ao longe, nas sombras —  
    Sua fragata avistou.

Então pensou que no mundo  
    Nada mais de seo contava!  
Nada mais que essa fragata!  
    Nada mais de quanto amava!

Nada mais!... — que lh'importava  
    De no mundo só se achar?  
Inda muito lhe ficava —  
    Agoa — e céos — e vento — e mar.

Assim pensava, mas n'isto  
Descortina o seo rival  
Não visto; — a mão da cintura  
Cingio raivosa o punhal!

Mas pensou... — não, seja d'ella,  
E tenha zelos como eu! —  
Larga o punhal, e um retrato  
Na dextra mão estendeo.

Porém sentio que inda tinha  
Mais que branda compaixão;  
Miserando! inda guardava  
Seo amor no coração.

Infeliz! não foi culpada;  
Foi culpa do fado meo!  
Nada mais de pensar n'ella  
Finjamos que ella morreo.

Por entre a turba que alegre  
No baile — a sorrir-se estava,  
Mudo, e triste, e pensativo  
Surdamente se escoava.

De manhã — quando o saráu  
Apagava o seo rumor,  
Chegava Lia a janella,  
Mais formosa de pallor.

Chegou-se; — e além — no horisonte  
Uma vela inda avistou;  
E co'a mão tremula e fria  
O telescopio buscou!

Um pavilhão vio na pôpa,  
Que tinha um globo pintado;  
E no mastro da mesena  
Um negro vulto encostado.

Erão chorosos seos olhos,  
Os olhos seos enchugou;  
E o telescopio de novo  
Para essa vela apontou.

Quem era o vulto tão triste  
Parece reconheceo;  
Mas a vela no horisonte  
Para sempre se perdeu.





# **A VILLA MALDICTA,**

**CIDADE DE DEOS.**





**AO SEU QUERIDO E AFFECTUOSO AMIGO**

**O DOUTOR**

**ALEXANDRE THEOPHILO DE CARVALHO LEAL,**

**Em quanto não pôde gravar o seu nome no frontispicio  
de alguma obra duradoura**

**Q. e C.**

**UM DOS MENOS GROSSEIROS DOS SEUS CANTOS**

**O AUCTOR.**



## A VILLA MALDICTA, CIDADE DE DEOS.

Peccata peccavit Jerusalem, et propterea instabilis facta est; omnes qui glorificabant eam, spreverunt illam, quia viderunt ignominiam ejus: ipsa autem gemens conversa est retrorsum.

LAMENT.

### I

O immenso aposento a luz alaga  
Com soberbo clarão,  
E as mezas do banquete se devolvem  
Pelo vasto salão;

E os instrumentos palpitantes são  
Frenetica harmonia;  
E o côro dos convivas se levanta  
Pleno d'ebria alegria!

Ali se ostenta o nobre vicioso  
Rebuçado em orgulho, — o rico infame,

Cheio de mesquinhez, — o envilecido,  
Immundo pobre no seo manto involto  
De miserias, d'infamia e vilanias;  
— A prostituta que alardêa os vícios,  
Menospresando a castidade e a honra,  
Sem pejo, sem pudor — d'infamia eivada.

E o livre dithyrambo, a atroz blasphemia,  
Os cantos immoraes, canções impudicas,  
Gritos e orgia involta em negro manto  
De fumo e vinho, — os ares aturdião;  
E muito além — no meio d'alta noite —  
Nos echos, ruas, praças rebatião.

## II

Depois, ainda suja a boca, as faces,  
D'immundo vomitar,  
Com vacillante pé calcando a terra  
Os viras levantar.

A larga porta despedia em turmas  
A nocturna cohorte;  
Ouvia-se depois por toda a parte  
Gritos — horror de morte!

E ninguem vinha ao retinir de ferro,  
Que assassinava;

Porque era d'um valente o punhal nobre,  
Que as leis dictava.

Outra vez a cahir se emmaranhavão  
Da porta pelo umbral:  
Tinhão tinctas de sangue a face, as vestes,  
Tinhão baço o punhal.

E vinha o sol manifestar horrores  
Da noite derradeira;  
E a morte varia revelava a furia  
Da turba carniceira.

E o sacrilego padre só vendia  
O tum'lo por dinheiro;  
Vendia a terra aos mortos inseultos,  
O vil interesseiro!

Ou al ficavão, como pasto aos corvos,  
Por sobre a terra núa;  
E ninguem de tal sorte se pesava,  
Que ser podia a sua!

» E Deos maldisse a terra crimirosa,  
» Maldisse aos homens d'lla,  
» Maldisse a cobardia dos escravos  
» D'essa terra tão bella »

## III

E a mortifera peste luctuosa  
Do inferno rebentou,  
E nas azas dos ventos pavorosa  
Sobre todos passou.

E o mancebo que via esperançoso  
Longa vida futura,  
Doido sentio quebrar-lhe as esperanças  
Pedra de sepultura.

E a donzella tão linda que vivia  
Confiada no amor,  
Entre os braços da mãe provou bem cedo  
Da morte o dissabor.

E o tremulo ancião qu'inda esperava  
Morrer assim  
Como um fructo maduro destacado  
D'arvore — emfim,

Sentio a morte esvoaçar-lhe em torno,  
Como um bulcão,  
Que affronta o nauta quando avista a terra  
Da salvação.

Era deserta a villa — a casa — o templo —

Ar de morte soprou!

Mas a casa dos vis nos seus delirios

Ebria continuou!

» E Deos maldisse a terra criminosa,

» Maldisse os homens d'ella,

» Maldisse a cobardia dos escravos

» D'essa terra tão bella. »

#### IV.

Eis o aço da guerra lampeja,

Do feroso corcel o nitrido,

Eis o bronzeo canhão que rouqueja,

Eis da morte represso o gemido.

Já se aprestão guerreiros lusentes,

Já se enfreião corceis bellicosos,

Já mancebos se partem contentes

Augurando a victoria briosos.

Brilha a raiva nos olhos; — nas faces

O interno rancor pôdes ler;

Eia, avante! — clamarão os bravos, —

Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eia, avante! — briosos corramos  
Na peleja o inimigo bater;  
Crua morte na espada levamos!  
Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eis o aço da guerra lampeja,  
Do corsel bellicoso o nitrido,  
Eis o bronzeo canhão que rouqueja  
E da morte represso o gemido.



E a selva vomitou homens sem conto  
A voz do omnipotente,  
Como a neve hibernal que o sol derrete,  
Engrossando a corrente.

E en redor d'essa villa se estreitarão,  
Cingidos d'armadura;  
E a villa se doco no intimo seio  
De tão acre amargura.

Mas os fortes bradarão: — Eia, avante! —  
Promptos a batalhar;  
Mas o braço e valor ante os inimigos  
Se vierão quebrar.



E um anno inteiro sem cessar lutarão,  
Cheios de bizzarria,  
Como dois crocodilos que brigassem  
D'um rio a primasia!

E renderão-se enfim, mas de famintos,  
De sequiosos;  
Valentes lidadores forão elles,  
Se não briosos.

## VI

E o exercito contrario entra rugindo  
Na villa, que as suas portas lhe franqueia:  
Rasteiro corre o incendio e surdamente  
O custoso edificio ataca e mina.  
Eis que a chamma roaz amostra as fendas  
Das portas que se abrasão; descortina  
O torvo olhar do vencedor — apenas —  
Lá dentro o incendio só — fóra só trevas!  
Urros de frenesi, de dôr, de raiva  
Escutão dos que, ás subitas colhidos,  
Contra os muros em brasa se arremeção;  
Dos que, perdido o tino, intentão loucos  
Achar a salvação, e a morte encontrão.  
Lá dentro a confusão, — silencio fóra!

São carrascos aqui — hostias lá dentro.  
Geme o trovejamento, estrala a pedra,  
— Cresce horror sobre horror — desaba o tecto,  
E o fumo ennegrecido se ennovella  
Co' o vertice sublime os céos roçando.  
Como o vulcão que a lava arroja as nuvens,  
Como ígnea columna que da terra  
Hiante rebentasse, — tal se eleva,  
Tal sobe aos ares, tal se empina e cresce  
A labareda portentosa e baixa,  
E desce a terra, e o edificio enrola,  
E o sorve inteiro, — qual se forão vagas  
Que a dura rocha do alicerce abalão,  
Que a enlação, como a prêa, — e aó fundo pégo  
Levão, deixando o mar branco d'espuma.  
No horror da noite, sibilando os ventos  
Lingoas pyramidaes do atroz incendio,  
Fumosas pelas ruas estalando,  
Tingem da côr do inferno a côr da noite,  
Tingem da côr do sangue a côr do inferno!  
— O ar são gritos — fumo o céu — e a terra fogo.

## VII

E aquelles que inda são e immunes crão,  
Os que a peste engeitou,  
Que fome e sede e privações sofrerão...  
A espada decepou.

E a donzella tremco — da mãe nos braços  
    Não salva ainda,  
Que incitava os prazeres do soldado  
    A face linda.

E o fido amante, que de a ver tão bella  
    Sentio prazer,  
Sente martyrios por que a vê formosa  
    No seo morrer.

Coisa alguma escapou! — Já tudo é cinzas,  
    Tudo destruição:  
A columna — o palacio — a casa — o templo,  
    O templo da oração!

Infantes — homens — e mulheres, — todos  
    Já rojão sobre o pó;  
Mas o Deos, o Deos bom já está vingado,  
    Por ella já sente dó.

E a villa d'outr'ora mais ruidosa,  
    Lá ressurge cidade;  
Por que o Deos da justiça, o das armadas,  
    O Deos é de bondade.





# **QUADRAS DA MINHA VIDA.**

**RECORDAÇÃO E DESEJO.**



Junctos passámos o primeiro e o melhor quartel da vida, e a ninguém, melhor que a ti, poderia eu offerecer as minhas recordações; consente pois que nesta corajosa tentativa os nossos nomes appareçam a par um do outro, como a par tem sempre progredido a nossa indissolúvel amizade.

**AO DOUTOR ANTONIO REGO,**

**OFFERECÊ**

**Estas quadras da sua vida**





# QUADRAS DA MINHA VIDA.

## RECORDAÇÃO E DESEJO.

Sol chi non lascia eredità d'affetti  
Peca gioia ha dell'urna.

FOSCOLO.

### I

Houve tempo em que os meus olhos  
Gostavão do sol brilhante,  
E do negro véo da noite,  
E da aurora scintillante.

Gostavão da branca nuvem  
Em céu de azul espraçada,  
Do terno gemer da fonte  
Sobre pedras despenhada.

Gostavão das vivas côres  
De bella flôr vecejante,

E da voz immensa e forte  
Do verde bosque ondeante.

Inteira a natureza me sorria!  
A luz brilhante, o susurrar da brisa,  
O verde bosque, o rosicler d'aurora,  
Estrellas, céos, e mar, e sol, e terra,  
D'esperança e d'amor minha alma ardente,  
De luz e de calor meu peito enchião.

Inteira a natureza parecia  
- Meos mais fundos, mais intimos desejos  
Perscrutar e cumprir; — almo sorriso  
Parecia enfeitar co'os seos eucantos,  
Com todo o seo amor compôr — doiral-o,  
Porque os meos olhos deslumbrados vissem-no,  
Porque minha alma de o sentir folgasse.

Oh! quadra tão feliz! — Se ouvia a brisa  
Nas folhas sussurrando, o som das agoas,  
Dos bosques o rugir; — se os desejava,  
— O bosque, a brisa, a folha, o trepidante  
Das agoas murmurar prestes ouvia.  
Se o sol doirava os céos, se a lua casta,  
Se as timidas estrellas scintillavão,  
Se a flôr desabrochava involta em musgo,  
— Era a flôr que eu amava, — erão estrellas  
Meos amores sómente, — o sol brilhante,  
A lua merencoria — os meos amores!

Oh! quadra tão feliz! — doce harmonia,  
Acorde extreme de vontade e força,  
Que atava minha vida á natureza!  
Ella era para mim bem como a esposa  
Recem-casada, pudica sorrindo;  
Alma de noiva — coração de virgem,  
Que a minha vida inteira abrilhantava!  
Quando um desejo me brotava n'alma,  
Ella o desejo meo satisfazia;  
E o quer que ella fizesse ou me dissesse,  
Esse era o meo desejo, essa a voz minha,  
Esse era o meo sentir do fundo d'alma  
Expresso pela voz que eu mais amava.

## II

Agora a flôr que m'importa,  
Ou a brisa perfumada,  
Ou o som d'amiga fonte  
Sobre pedras despenhada?

Que me importa a voz confusa  
Do bosque verde-frondoso,  
Que m'importa a branca lua,  
Que m'importa o sol formoso?

Que m'importa a nova aurora  
Quando se pinta no céo,  
Que m'importa a feia noite  
Quando desdobra o seo véo?

Estas scenas, que amei, já me não causão  
Nem dôr e nem prazer! — Indifferente  
Minha alma um só desejo não concebe,  
Nem vontade já tem!. Oh! Deos! quem pôde  
Do meo imaginar as puras azas  
Cercear, — desprender-lhe as niveas plumas  
— Roja-las sobre o pó, — calca-las tristes?!  
Perante a criação tão vasta e bella  
Minha alma é como a flôr que pende murcha,  
É qual profundo abysmo; — embalde estrellas  
Brilhão no azul dos céos, — embalde a noite  
Estende sobre a terra o negro manto:  
Não pôde a luz chegar ao fundo abysmo,  
Nem pôde a noite ennegrecer-lhe a face;  
Não pôde a luz á flôr prestar mais brilho,  
Nem viço e nem frescor prestar-lhe a noite!

## III

Houve tempo em que os meos olhos  
Se extasiavão de ver

Agil donzella formosa  
Por entre flôres correr.

Gostavão de um gesto brando  
Que revelasse o pudor,  
• Gostavão de uns olhos negros  
Que rutilassem de amor.

E gostavão meos ouvidos  
De uma voz — toda harmonia, —  
Quer pesares exprimisse,  
Quer exprimisse alegria.

Era um praser que eu tinha ver a virgem  
Indolente ou fugaz — alegre ou triste,  
Da vida a estreita senda desflorando  
Com pé ligeiro e animo tranquillo;  
Improvida e brilhante parecia  
Seos dias desfolhar . uns após outros,  
Como folhas de rosa, — e no futuro —  
Ver luzir-lhe sómente a luz d'aurora.  
Era deleite e dôr vê-la tão leda  
Do mundo as afflicções, angustias, prantos  
Afrontar co'um sorriso; era um descanso  
Interno e fundo, que sentia a mente,  
Um quadro em que os meos olhos repousavão  
Ver tanta formosura e tal pureza  
Em rosto de mulher com alma d'anjo!

## IV

Houve tempo em que os meos olhos  
Gostavão de lindo infante ,  
Com a candura e sorriso  
Que adorna infantil semblante.

Gostavão do grave aspecto  
De magestoso ancião ,  
Tendo nos labios conselhos ,  
Tendo amor no coração.

Um representa a innocencia ,  
Outro a verdade sem véo ;  
Ambos tão puros , tão graves ,  
Ambos tão perto do céo !

Infante e velho ! — principio e fim da vida ! —  
Um entra neste mundo , outro sae d'elle ,  
Gosando ambos da aurora ; — um sobre a terra ,  
E o outro lá nos céos. — O Deos , que é grande ,  
Do pobre velho compensando as dôres ,  
O chama para si ; — o Deos clemente  
Sobre a innocencia de continuo vela.  
Amei do velho o magestoso aspecto ,  
Amei o infante que não tem segredos ,

Nem cobre o coração co'os folhos d'alma.  
Amei as doces vozes da innocencia,  
A rispida franqueza amei do velho,  
E as rigidas verdades mal sabidas,  
Só por labios seniz pronunciadas.

## V

Houve tempo, em que possível  
Eu julguei no mundo achar  
Dois amigos extremosos,  
Dois irmãos do meu pensar;

Amigos que compr'hendessem  
Meo praser e minha dôr,  
Dos meos labios o sorriso,  
Da minha alma o dissabor;

Amigos, cuja existencia  
Vivesse eu co'o meo viver:  
Unidos sempre na vida,  
Uidos — té no morrer.

Amisade! — união, virtude, encanto —  
Consortio do querer, de força e d'alma —  
Dos grandes sentimentos cá da terra  
Talvez o mais reciproco, o mais fundo!

Quem ha que diga: Eu sou feliz! — se acaso  
Um amigo lhe falta? — um doce amigo,  
Que sinta o seo praser como elle o sente,  
Que sofra a sua dôr como elle a sofre?  
Quando a ventura lhes sorri na vida,  
Um a par d'outro — ei-los lá vão sorrindo;  
Quando um sente afflicção, nos braços do outro,  
A afflicção, que é só d'um, carpindo juntos,  
Encontra doce alivio o desditoso  
No thesouro que encerra um peito amigo.  
Candido par de cysnes, vão roçando  
A face azul do mar co'as niveas azas  
Em deleite amoroso; — acalentados  
Pelo sereno espreguiçar das ondas,  
Aspirando perfumes mal sentidos,  
Por vesperina arajem bafejados,  
É jogo o seo viver; — porém se o vento  
No frondoso arvoredado ruge ao longe,  
Se o mar, batendo irado as ermas praias,  
Crusadas vagas em novello enrola,  
Com grito de terror o par candente  
Sacode as niveas azas, bate-as, — fogem.

## VI

Houve tempo em que eu pedia  
Uma mulher ao meo Deos,



Uma mulher que eu amasse,  
Um dos bellos anjos seos.

Em que eu a Deos só pedia  
Com fervorosa oração  
Um amor sincero e fundo,  
Um amor do coração.

Qu'eu sentisse um peito amante  
Contra o meu peito bater,  
Sómente um dia. sómente!  
E depois d'elle morrer.

Amei! e o meo amor foi vida insana!  
Um ardente anhelar, cauterio vivo,  
Posto no coração — a remorde-lo.  
Não tinha uma harmonia a natureza  
Comparada a sua voz; não tinha côres  
Formosas como as della, — nem perfumes  
Como esse puro odor qu'ella emanava  
D'angelica puresa. — Meos ouvidos  
O feiticeiro som dos meigos labios  
Ouvião com praser; meos olhos vagos  
De a ver não se cansavão; labios d'homens  
Não poderão dizer como eu a amava!

E achei que o amor mentia, e que o meo anjo  
Era apenas mulher! — chorei! — deixei-a!

E aquelles, que eu amei co'o amor d'amigos,  
A sorte, boa ou má, levou-m'os longe,  
Bem longe, quando eu perto os carecia.  
Conclui que a amisade era um phantasma,  
Na velhice prudente — habito apenas,  
No joven — doudejar — em mim lembrança;  
Lembrança! — porém tal que a não trocára  
Pelos gosos da terra; meos praseres  
Forão só meos amigos, — meos amores  
Hão de ser neste mundo elles sómente.

## VII

Houve tempo em que eu sentia  
    Grave e solemne afflicção,  
Quando ouvia junto ao morto  
    Cantar-se a triste oração.

Quando ouvia o sino escuro  
    Em sons pesados dobrar,  
E os cantos do sacerdote  
    Erguidos juntos do altar.

Quando via sobre um corpo  
    A fria lousa cahir;  
Silencio debaixo della,  
    Sonhos talvez — e dormir.

Feliz quem dorme sob a lousa amiga,  
Tepida talvez com o pranto amargo  
Dos olhos da afflicção; — se os mortos sentem,  
Ou se almas tem amor aos seos despojos,  
Certo dos pés do Eterno, entre a alleluia,  
É o goso lá dos céos, e os córos d'anjos,  
Hão de lembrar-se com praser dos vivos  
Que chorão sobre a campa, onde já brota  
O denso musgo, e já desponta a relva.

Lagem fria dos mortos! — quem me dera  
Gosar do teo descanso, — ir asilar-me  
Sob o teo sancto horror, e nessas trevas  
Do buliço do mundo ir esconder-me!  
Oh! lagem dos sepulchros! — quem me desse  
No teo silencio fundo asilo eterno!  
Ahi não pulsa o coração, nem sente  
Martyrios de viver quem já não vive.





# **HYMNOS**

Singe dem Herrn, mein Lied, und du, begeisterte Seele  
Werde ganz Jubel dem Gott, den alle Wesen bekennen!  
Wieland.



AO DOUTOR

**JOÃO DUARTE LISBOA SERRA,**

Mesquinho tributo de profunda amizade,

**DEDICA**

**Estes seus hymnos**

© Auctor.





## O MAR.

Frappe de ta grandeur farouche  
Je tremble..... est-ce Lien toi, vieux lion que je touche,  
Océan, terrible océan!

TURQUET.

Oceano terrivel, mar immenso  
De vagas procellosas que se enrolão  
Floridas rebentando em branca espuma  
N'um pólo e n'outro pólo.  
Emfim... emfim te vejo; emfim meos olhos  
Na indomita cerviz tremulos cravo,  
E esse rugido teu sanhudo e forte  
Emfim medroso escuto!

D'onde houveste, ó pelago revolto,  
Esse rugido teu? Em vão dos ventos

Corre o insano pegão la-cando os troncos,

E do profundo abysmo

Chamando á superficie infindas vagas,

Que avaro encerras no teu seio nudoso;

Ao insano rugir dos ventos bravos

Sobresae teu rugido.

Em vão troveja horrisona tormenta;

Essa vez do trovão, que os céos abala,

Não cobre a tua voz. — Ah! d'onde a h'veste

Magestoso oceano?

O' mar - o teu rugido é um echo incerto

Da creadora voz, de que surgiste.

Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas

As vagas campelliste.

E á noite, quando o céu é puro e limpo,

Teo chão tinges de azul, — tuas ondas correm

Por sobre estrellas mil; turvão-se os olhos

Entre dois céos brilhantes.

Da voz de Jehovah um echo incerto

Julgo ser teu rugir, — mas só, perenne,

Imagem do infinito, retratando

As feitura de Deos.

Por isto — a sós contigo — a mente livre

Se eleva, aos céos remonta — ardente, ativa,

E d'este lodo terreal se apura,  
    Bem como o bronze ao fogo.  
Fervida a Musa, co'os teos sous casada,  
Glorifica o Senhor de sobre os astros  
Co'a fronte além dos céos, além das nuvens  
    E co'os pés sobre ti.

O que ha mais forte do que tu? Se erriças  
A coma perigosa a não possante,  
Extremo de artificio — em breve tempo  
    Se afunda e se aniquila.  
És poderoso sem ignal na terra,  
Mas lá te vás quebrar n'um grão d'arcia,  
Tão forte contra os homens, tão sem força  
    Contra coisa tão fraca!

Mas n'esse instante que me foi marcado  
Em que hei de esta prisão fugir p'ra sempre  
Irei tão alto, ó mar, — onde não chegue  
    Teo sonoro rugido.  
Então mais forte do que tu, minha alma,  
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,  
Quebrará n'um relance o circulo estreito  
    Do finito e dos céos!

Então entre myriadas de estrellas  
Cantando hymnos d'amor nas harpas d'anjos,

Mais forte soará que as tuas vagas  
Mordendo a fulva areia;  
Inda mais doce que o singelo canto  
De merencoria virgem, quando a noite  
Occupa a terra, — e do que a mansa brisa,  
Que entre flôres suspira.



## IDEIA DE DEOS.

Groß ist der Herr! Die Himmel ohne Zahl  
Sind seine Wohnungen!  
Seine Wagen die donnernden Gewölke,  
Und Blitze sein Gespann.

Kei f.

I

À voz de Jehovah infindos mundos  
Se formárão do nada;  
Rasgou-se o horror das trevas, — fez-se o dia,  
E a noite foi creada.

Resoou no espaço a lua! — sobre a terra  
Rouqueja o mar raivoso,  
E as espheras nos céos erguerão hymnos  
Ao Deos prodigioso.

Hymno de amor a criação, que sôa  
Eternal, incessante,  
E a noite no remanso, no ruído  
Do dia scintillante!

A morte, as afflicções, o espaço, o tempo,  
O que é para o Senhor?  
Eterno, immenso, que lh'importa a raiva  
Do tempo roedor?

Como um raio de luz, percorre o espaço,  
E tudo nota e vê —  
O argneiro — os mundos — o universo — o justo  
E o homem que não crê.

E elle que pôde aniquilar os mundos,  
Tão forte como elle é,  
E vê e passa, e não castiga o crime,  
Nem o impio sem fé!

Porém quando corrupto um povo inteiro  
O Nome seo maldiz,  
Quando só vive de vingança e roubos,  
Julgando-se feliz;

Quando o impio commanda, quando o justo  
Soffre as penas do mal,  
E as virgens sem pudor, e as mães sem honr  
E a justiça venal;

Ai da perversa, da nação maldicta,  
Cheia de ingratição,  
Que ha de ella mesma snguitar seo collo  
À justa punição.

Ou já terrível peste expande as azas,  
    Bem lenta a esvoaçar;  
Vai de uns a outros, dos festins conviva,  
    Hospede em todo o lar!

Ou já torvo rugir da guerra accesa  
    Espalha a confusão;  
E a esposa, e a filha, de terror oppresso,  
    Não sente o coração.

E o paç. e o esposo — no morrer cruento  
    Vomita o fel raivoso,  
— Milhões de insectos vis que um pé gigante  
    Enterra em chão lodoso.

E do povo corrupto um povo nasce  
    Esperançoso e crente,  
Como do podre e carunchoso tronco  
    Hastea forte e virente.

## II

Oh! como é grande o Senhor Deos, que os mundos  
    Equilibra nos ares,  
Que vai do abysmo aos céos, que susta as iras  
    Do pelago fremente,  
A cujo sopro a maquina estrellada  
    Vacilla nos seus eixos,

A cujo accno os cherubins se movem

Humildes, respeitosos,

Cujo poder — que é sem igual, excede

A hyberbole arrojada!

Oh! como é grande o Senhor Deos dos mundos

O Senhor dos prodigios.

### III

Elle mandou que o sol fosse principio,

E razão da existencia,

Que fosse a luz dos homens — olho eterno

Da sua providencia.

Mandou que a chuva refrescasse os membros

Refizesse o vigor

Da terra hiante, do animal cançado

Em praino abrasador.

Mandou que a brisa susurrasse amiga,

Roubando aroma á flôr;

Que os rochedos tivessem longa vida,

E os homens grato amor!

Oh! como é grande e bom o Deos que manda

Um souho ao desgraçado,

Que vive agro viver entre miserias,

De ferros rodeado;



O Deos que manda ao infeliz que espere  
Na sua providencia;  
Que o justo durma, descansado e forte  
Na sua consciencia!

Que o assassino de continuo vele,  
Que trema de morrer,  
Em quanto lá nos céos, o que foi morto,  
Desfructa outro viver!

Oh! como é grande o Senhor Deos, que rege  
A maquina estrellada,  
Que ao triste dá prazer, descanso e vida  
À mente atribulada!





## O ROMPER D'ALVA.

Quand ta corde n'aurait qu'un son,  
Harpe fidèle, chante encore  
Le Dieu que ma jeunesse adore,  
Car c'est un hymne que son nom.

LAMARTINE.

Do vento o rijo sopro as mansas ondas  
Varreo do immenso pego, — e o mar rugindo  
As nuvens se elevou com furia insana;  
Enoveladas vagas se arrojãõ  
Ao céo co'a branca espuma!  
Raivando em vão se encontrãõ soluçando  
Na base d'erma rocha descalvada;  
Em vão de furias crescem, que se quebra  
A força enorme do impotente orgulho  
Na rocha altiva ou na arenosa praia.  
Da tormenta o furor lhe accende os brios,  
Da tormenta o furor lh'enfreia as iras  
Que em teimosos gemidos se descerrãõ,  
Da qu'eta noite despertando os echos

Além — no valle humilde — onde não chega  
Seo sanhudo gemer, que o dia encobre.

Mas a brisa susurrando  
A face do céu varreo,  
Tristes nuvens espalhando,  
Que a noite em ondas verteo.

Além — atraz da montanha  
Branda luz se patenteiã,  
Que d'alma a dôr afugenta  
Se dentro — sentida anceia.

Branda luz, que affaga a vista,  
De que se ama o céu tingir,  
Quando entre o azul transparente  
Parece alegre sorrir;

Como és linda? — Como dobras  
Da vida a força e do amor?  
— Que tão bem luz dentro d'alma  
Teo luzir encantador!

No teo ameno silencio  
A tormenta se perdeo,  
E do mar a forte vida  
Nos abysmos se escondeo!

Porque assim de novo agora  
Que o vento o não vem toldar,  
Parece que vai queixoso  
Mansamente a soluçar?

Porque as ramas do arvoredó,  
Bem como as ondas do mar,  
Sem correr sopro de vento  
Começão de murmurar?

Sobre o tapiz d'alta relva,  
— Rocio da madrugada —  
Destilla gotas de orvalho  
A verde folha inclinada.

Renascida a natureza  
Parece sentir amor;  
Mais brilhante, mais viçoso  
O calix levanta a flôr.

Por entre as ramas occultas,  
Docemente a gorgear,  
Acordão trinando as aves,  
Alegres — no seo trinar.

O arvoredó n'essa lingoa  
Que diz, porque assim susurra?  
Que diz o cantar das aves?  
Que diz o mar que murmura?

— Dizem um nome subl'ime,  
O nome do que é Senhor,  
Um nome que os anjos dizem,  
O nome do Creador.

Tão bem eu, Senhor. direi  
Teo nome — do coração,  
E ajuntarei o meo hymno  
Ao hymno da criação.

Quando a dôr meo peito acanha,  
Quando me rala a afflicção,  
Quando nem tenho na terra  
Mesquinha consolação;

Tu, Senhor, do peso insano  
Livras meo peito arquejante,  
Secas-me o pranto que os olhos  
Vertendo estão abundante.

Tu pacificas minha alma  
Quando se rasga com pena,  
Como a noite que se esconde  
Na luz da manhã serena.

Tu és a luz do universo,  
Tu és o ser creador,  
Tu és o amor, és a vida,  
Tu és meo Deus, meo Senhor.

Direi nas sombras da noite,  
Direi ao romper da aurora:  
— Tu és o Deus do universo,  
O Deus que minha alma adora.

• Tão bem eu, Senhor direi  
Teo nome — do coração,  
Eu juntarei o meo hymno  
Ao hymno da criação.







## À TARDE\*

Ave Maria! blessed be the hour!  
The time, the clime, the spot where I so oft  
Have felt that moment in its fullest power  
Sink o'er the earth so beautiful and soft. . .

BYRON.

Oh tarde, oh bella tarde, oh meos amores,  
Mãe da meditação, meo doce encanto!  
Os rogos da minha alma enfim ouviste,  
E grato refrigerio vens trazer-lhe  
No teu remansear preenhe de enlevos!  
Em quanto de te ver gostão meos olhos,  
Em quanto sinto a minha voz nos labios,  
Em quanto a morte me não rouba á vida,  
Um hymno em teu louvor minha alma exhale,  
Oh tarde, oh bella tarde, oh meos amores!

(\*) Se mais estreitas relações me ligassem ao Sr. Odorico Mendes, ter lle-ia rogado que, em vez d'este, sem prestimo, me permitisse imprimir o seu bello e melancolico hymno a Tarde.

## I.

É bella a noite, quando grave estende  
Sobre a terra dormente o negro manto  
De brilhantes estrellas salpicado ;  
Mas nessa escuridão, nesse silencio  
Que ella comsigo traz, ha um que de horrivel  
Que espanta e desespera e geme n'alma ;  
Um que de triste que nos lembra a morte !  
No romper d'alva ha tanto amor e vida,  
Ha tantas cores, brillantismo e pompa,  
Que fascina, que attrahe, que a amar convida  
Não pode soportal-a homem que sofre,  
Orfãos de coração não podem vel-a.

Só tu, feliz, só tu a todos prendes !  
A mente, o coração, sent dos, olhos,  
A ledice e a dôr, o pranto e o riso,  
Folgão de te avistar ; — são teos, — és d'elles.  
Homem que sente dôr folga contigo,  
Homem que tem prazer folga de ver-te !  
Contigo sympathisão, porque és bella,  
Qu'és mãe de merencorios pensamentos,  
— Entre os céos e a terra extasis doce,  
Entre dôr e prazer celeste arroubo.

## II.

A brisa que murmura na folhagem ,  
As aves que pipitão docemente ,  
A estrella que desponta , que rutila ,  
Com duvidosa luz ferindo os mares ,  
O sol que vai nas agoas sepultar-se  
Tingindo o azul dos céos de branco e d'oiro ;  
Perfumes , murmurar , vapores , brisa ,  
Estrellas , céos e mar , e sol e terra ,  
Tudo existe contigo , e tu és tudo.

## III.

Homem que vive agro viver de côrte ,  
Indifferente olhar derrama a custo  
Sobre os fulgores teos ; — homem do mundo  
Mal pôde o desbotado pensamento  
Revolver sobre o pó ; mas nunca oh nunca !  
Ha de clevar-se a Deos , e nunca ha de elle  
Na abobada celeste ir pendurar-se ,  
Como de rosea flôr pendente abelha.  
Homem da natureza , esse contemple

De purpura tingir a luz que morre  
As nuvens lá no occaso vacillantes!  
Ha de vida melhor sentir no peito,  
Sentir doce praser sorrir-lhe n'alma,  
E fonte de ternura inexgotavel  
Do fundo coração brotar-lhe em ondas.

Hora do pôr do sol! — hora fagueira,  
Qu'encerras tanto amor, tristeza tanta,  
Quem ha que de te ver não sinta enlevos,  
Quem ha na terra que não sinta as fibras  
Todas do coração pulsar-lhe amigas,  
Quando d'esse teo manto as pardas franjas  
Sóltas, roçando a habitação dos homens?  
Ha hi praser tamanho que embriaga,  
Ha hi praser tão puro, que parece  
Haver anjos dos céos com seos acordes  
A misera existencia acalentado!

## IV.

Socia do forasteiro, tu, saudade,  
N'esta hora os teos espinhos mais pungentes  
Cravas no coração do que anda errante.  
Só elle — o peregrino — onde acolher-se,  
Não tem tuguriõ seo, nem pae, nem esposa,

Ninguem que o espere com sorrir nos labios  
E paz no coração, — ninguem que extranhe,  
Que anceie afflicto de o não ver comsigo!  
Cravas então, Saudade, os teos espinhos;  
E elles tão pungentes, tão agudos,  
Yarando o coração de um lado a outro,  
Nem trazem dôr, nem desespero incitão;  
Mas remanso de dôr, mas um suave  
Recordar do passado, — um que de triste  
Que ri ao coração, chamando aos olhos  
Tão spontaneo, tão fagueiro pranto,  
Que não fora praser não derramal-o.

E quem — ah tão feliz! — quem peregrino  
Sobre a terra não foi? — Quem sempre ha visto  
Serenos e brandos deslizar-se o fumo  
Sobre o tecto dos seos; — e sobre os cumes  
Que os seos olhos hão visto a luz primeira  
Crescer branca neblina que se enrola  
Como incenso que aos céos a terra envia?  
Tão feliz! — quando a morte involta em pranto  
Com gelado suor lh'euerva os membros,  
Procura inda outra mão co'a mão sem vida,  
E o extremo scintillar dos olhos baços,  
De um ente amado procurando os olhos,  
Sem praser, mas sem dôr. alli se apaga.  
O exilado! — esse não; — tão só na terra,  
Na vida e passamento ermo e sosinho

Sente dôres crucis, torvos pesares  
Do leito afflicto esvoaçar-lhe em torno,  
Roçar-lhe o frio, o pallido semblante,  
É o instante derradeiro amargurar-lhe.

Porem, no meo passar da vida á morte,  
Possa co'a extrema luz d'estes meos olhos  
Trocar ultimo adeos com os teos fulgores!  
Ah! possa o teo alento perfumado,  
Do que na terra estimo, docemente  
Miinha alma separar e derramal-a  
Como um vago perfume aos pés do Eterno.



## À NOITE.

... Jehovah déploie autour de nos demeures  
Le fauceil de la nuit, et la chaîne des heures  
Tombe anneau par anneau.

TRUQUET.

### I.

Estou só n'este mudo sanctuario,  
Eu só — com miuha dôr, com minhas penas.  
E o pranto nos meos olhos represado,  
Que nunca vio correr humana vista,  
Livrementemente o derramo aos pés de Christo,  
Que tão bem suspiroii, gemeo sosinho,  
Que tão bem padeceo sem ter conforto,  
Como eu padeço, e soffro, e gemo, e choro.

Remorso não me punge a consciencia,  
Vergonha não me tinge a côr do rosto,  
Nem crimes perpetrei; — porque assim choro?

E direi eu por que? — Antes meu berço,  
Que vagidos de infante vivedouro,  
Os sons finaes de um moribundo ouvisse!  
Que esperanças que eu tinha tão formosas,  
Que mimosos enlevos de ternura,  
Não continha minha alma toda amores!  
Esperanças e amor - que é feito d'ellas?  
Um dia me roubava uma esperança,  
E sosinho, uma e uma, me deixárão.  
Morrerão todas, como folhas verdes  
Que em principio do inverno o vento arranca.

E o amor! — podia eu sentil-o ao menos;  
Quando eu via a desdita de bem perto  
Co' um sorriso infernal no rosto squalido,  
Com fome e frio á tiritar demente.  
Accenando-me infausta? — quando vinda  
Minha hora já sentia, em que os meus labios,  
Tremendo de vergonha, soluçassem  
Ao fliz com que eu na rua deparasse  
De mãos erguidas: Meo Senhor, piedade!  
Eis porque soffro assim, porque assim gemo,  
Porque meo rosto pallido se encova,  
Porque sómente a dôr me ri nos labios,  
Porque meo coração já todo é cinzas.

Menti, Senhor, menti! — porque te adoro  
No altar profano de belleza esquiva



Não queimo incenso vão; — tu só me occupas  
O coração, que eu fiz hostia sagrada,  
Apuro de elevados sentimentos,  
Que o teu amor somente asilão, nutrem.  
Quando ao pé da cruz me chego afflicto,  
Sinto que o meu sofrer se vai mingoando,  
Sinto minha alma que de novo existe,  
Sinto meu coração arder em chamas,  
Arder meus labios ao dizer teu nome.  
Assim a cada aurora, a cada noite  
Virei consolações beber sedento  
Aos pés do meu Senhor; — virei meu peito  
Encher de religião, de amor. de fogo,  
Que além de infundidos céos minha alma exalta.

## II.

Quem me dera nas azas d'este vento,  
Que agora tão saudoso aqui murmura,  
Agitando as cortinas, que me encobrem  
Do teu rosto o fulgor que me não cegue,  
Subir além dos sóes, além das nuvens  
Ao teu throno, ó meu Deus; ou quem me desse  
Ser este incenso que se arroja em ondas  
A subir, a crescer, em rolo, em fumo,  
Até perder-se na amplidão dos ares!

Não qu'ria aqui viver! — Quando eu padeço  
Surdez fingida a minha voz responde;  
Não tenho voz de amor que me console,  
Corre o meo pranto sobre terra ingrata,  
E dôr mortal meo coração fragôa.  
Só tu, Senhor, só tu, no meo deserto  
Escutas minha voz que te supplica;  
Só tu nutres minha alma de esperança;  
Só tu, ó men Senhor, em mim derramas  
Torrentes de harmonia, que me abrasão.  
Qual orgão, que resôa mavioso,  
Quando segura mão lhe opprime as teclas,  
Assim minha alma, quando a ti se achega  
Hymnos de ardente amor disfere grata:  
E, quando mais serena, inda conserva  
Effluvios d'esse canto que me guia  
No caminho da vida aspero e duro.  
Assim por muito tempo reboando  
Vão no recinto do sagrado templo  
Sons, que o orgão soltou, que o ouvido escuta.



## TE DEUM.

Nós, Senhor, nós te louvamos,  
Nós, Senhor, te confessamos.

Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes sancto,  
Immenso é o teo poder, tua força immensa,  
Teos prodigios sem conta; — e os céos e a terra  
Teo ser e nome e gloria preconisão.

E o archanjo forte, e o serafim sem mancha,  
E o côro dos prophetas, e dos martyres  
A turba eleita — a ti, Senhor, proclamão  
Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes sancto.

Na innocencia do infante és tu quem fallas;  
A bellesa, o pudor — és tu que as gravas  
Nas faces da mulher, — és tu que ao velho  
Dás prudencia, — e o que verdade e força  
Nos puros labios, do que é justo, imprimes.

És tu que dás rumor á quieta noite,  
És tu que dás frescor á mansa brisa,  
Quem dás fulgor ao raio, azas ao vento,  
Quem na voz do trovão longe ronquejas.

És tu que do oceano á furia insana  
Pões limites e cobro, — és tu que a terra  
No seo vôo equilibras, — quem dos astros  
Governas a harmonia, como notas  
Acordes, simultaneas, palpitando  
Nas cordas d'Harpa do teo Rei Propheta,  
Quando elle em teo louvor hymnos soltava,  
Qu' ião, cheios de amor, beijar teo solio.

Sancto! Sancto! Sancto! — teos prodigios  
São grandes, como os astros, — são immensos,  
Como arêa delgada em quadra estiva.

E o archanjo forte, e o serafim sem mancha,  
E o côro dos prophetas, e dos martyres  
A turba eleita — a ti, Senhor, proclamação,  
Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes grande.



## ADEOS

### AOS MEOS AMIGOS DO MARANHÃO.

Meos Amigos, Adeos! Já no horizonte  
O fulgor da manhã se empurplece:  
É puro e branco o céu, — as ondas mansas,  
— Favoravel a brisa; — irei de novo  
Sorver o ar purissimo das ondas,  
E na vasta amplidão dos céos e mares  
De vago imaginar embriagar-me!  
Meos Amigos, Adeos! — Verei fulgindo  
A lua em campo azul, e o sol no occaso  
Tingir de fogo a implacidez das agoas;  
Verei horridas trevas lento e lento  
Descerem, como um crépe funerario  
Em negro esquife, onde repouisa a morte;  
Verei a tempestade quando alarga

As negras azas de bulções , e as vagas  
Soberbas encastella , esporeando  
O curto bojo de ligeiro barco ,  
Que geme , e ruge , e empina-se insofrido  
Galgando os escarceos , — bem larga esteira  
De phosphoro e de luz traz si deixando :  
Generoso corsel , que sente as cruces  
Agudas de teimosos acicates  
Morder , pungir-lhe rabidas o ventre.

Inda uma vez , Adeos ! Curtos instantes  
De ineffavel prazer — horas bem curtas  
De ventura e de paz frui comvosco :  
Oasis que encontrei no meo deserto ,  
Tepido valle entre fragosas serras  
Virente derramado , foi a quadra  
Da minha vida , que passei comvosco.  
Aqui de quanto amei , do que hei sofrido ,  
De tudo quanto almejo , espero , ou temo  
Deslembrado vivi ! — Oh ! quem me dera  
Que entre vós outros me alvejasse a fronte ,  
E que eu morresse entre vós ! Mas força occulta ,  
Irresistivel , me persegue e impelle.  
Qual folha instavel em ventoso estio  
Do vento ao sopro a esvoaçar sem custo ;  
Assim vou eu sem tino , — aqui pegadas  
Mal firmes assentando — além pedaços  
De mim mesmo deixando. Na floresta

O lasso viandante extraviado  
Por todo o verde bosque estende os olhos,  
E cansado esmorece, —cáe, medita,  
Respira mais de espaço, cobra alento,  
E nas solidões de novo eil-o se entranha.  
•Vestígios mal seguros sopra o vento,  
Ou nivella-os a chuva, ou relva os cobre:  
Talvez que as folhas asperas do arbusto  
Mordão vellos da tunica, e denotem  
(Duvida o viajor, que os vê com pasmo)  
Que errante caminheiro alli passasse.

E eu parti! — não chorei, que do meo pranto  
A larga fonte jaz de ha muito exhausta;  
Ha muito que os meos olhos não gotejão  
O repassado fel d'acre amargura,  
E o pranto no meo peito represado  
Em cinza o coração me ha convertido.  
É assim que um vulcão se torna fonte  
De limpha amarga e quente; e a fonte em ermo,  
Onde não crescem perfumadas flôres,  
Nem tenras aves seos gorgeios soltão,  
Nem triste viajor encontra abrigo.

Rasgado o coração de pena acerba,  
Tranzido de afflicções, cheio de magoa,  
Miserando parti! — tal quando reprobó,  
Adão, cobrindo os olhos co'as mãos ambas,

Em meio a sua dôr só descobria  
Do Archanjo os candidissimos vestidos,  
E os lampejos da espada fulminante,  
Que o Eden tão mimoso lhe vedava.

Porém quando algum dia o colorido  
Das vivas illusões, que hoje conservo  
Sem força esmorecer, — e as tão viçosas  
Esp'ranças, que eu educo, se afundarem  
Em mar de desenganos; — a desgraça  
Do naufragio da vida hade arrojarme  
À praia tão querida, que ora deixo.  
Tal parte o desterrado: um dia as vagas  
Hão de os seus restos regeitar na praia,  
D'onde tão novo se partira, e onde  
Procura a cinza fria achar jazigo.





## NOTA AO HYMNO Á TARDE.

Sobre este mesmo assumpto o meo amigo e concidadão, o Dr. Frederico José Corrêa, compôz um hymno, que vem impresso em um dos numeros do Jornal da Associação Litteraria Maranhense, — impressão que foi feita, como eu creio, e como é bem facil de ver, por uma copia evidentemente infiel. Não posso resistir á tentação de transcrever para aqui alguns trechos d'esta composição, bem que não tenha á mão o jornal de que fallo: sem este motivo, eu de bom grado a daria por inteiro, para que d'ella se podesse ter cabal noticia, e assim melhor avaliar-se o merecimento da obra, e por ventura o do Auctor.

### HYMNO Á TARDE

PELO DR. FREDERICO JOSÉ CORRÊA.

(Fragmentos.)

Salve, ó Virgem, que tanto te assemelhas  
À muda noite no sereno gesto!  
Quão placida e modesta teos effluvios  
Pelas pardas campinas  
Sobre as azas dos zephiros diffundes!

Que amavel quadro se me offerece aos olhos!  
Onde quer que os dilate, já nas agoas,  
Na densa umbrosa selva, já nos campos  
Melancolia, amor, doçura encontro!

Sobre a lympha mirando-se inclinadas  
Balanção seos cocares as palmeiras ;

E já com tibia luz as cumiadas  
Dos montes doira o sol no extremo occaso

Horas de sentimento , em cujo seio  
De ruminar seos males folga a mente ,  
Qual o Athos de bronze , em quem gerado  
Um pungir melancolico não hajas ;  
Qual o amante infeliz , qual o proscripto ,  
Da patria auzente os dias arrastando ,  
Que , ao olhar-te , á saudade não tribute  
Um suspiro , uma lagrima não verta ?

Talvez cortando agora o espaço undoso ,  
Por viração galerna condusido ,  
Precario lenho aos Euros se confia ;  
Talvez que n'elle as vistas arrasadas  
Das lagrimas da auzencia immoveis tenha ,  
Um pae annoso entristecida amante !  
Oh ! bem longe bravejem-lhe as tormentas ,  
Vanzeie o mar , os escarccos se empinem ,  
Ao porto o levem protectoras auras  
Aos naufragios alheio.

Mas já da noite o tenebroso manto  
Vem dos bosques roubar-me a verde scena.  
Adeos, ó Tarde; languidos já soão  
Da minha lyra os dissonantes nervos,  
Que a debuxar-te as graças se arrojão.





# INDICE

## DAS POESIAS CONTIDAS NESTE VOLUME.

---

Prologo. Pag. 5

### POESIAS AMERICANAS.

Canção do Exilio	9
O Canto do Guerreiro	11
O Canto do Piaga.	15
O Canto do Indio	20
O Morro do Alecrim.	24
Notas ás Poesias Americanas	30

### POESIAS DIVERSAS.

O Soldado Hespanhol	35
A Leviana	50
A Minha Musa.	53
Desejo	59
Seos olhos.	60

	Pag.
Innocencia	63
Pedido .	65
O Desengano.	67
Minha Vida    Meos Amores	70
Recordação	74
Tristesa.	73
O Trovador	79
Amor! delirio, engano	86
Delirio .	91
Epiccedio	94
Sufrimento	97
Visões.	
I. Prodigio	103
II. A Cruz.	105
III. Passamento.	108
IV. Phantasmas. .	115
V. .	121
VI. A Morte	126
O Vate	131
À Morte prematura da Ex. <sup>ma</sup> . . . .	135
A Mendiga	139
A Escrava	146
Ao Dr. J. D. L. Serra.	151
Lagrimas sem dôr, e dôr com lagrimas	155
O Desterro de um pobre Velho .	160
O Orgulhoso	164
O Cometa	166
O Oiro.	169
A um Menino	171
Miserrimus.	175
O Pirata	180
A Villa Maldicta	187
Quadras da Minha Vida.	201

## HYMNOS.

O Mar.	225
Idea de Deos	229

## PRIMEIROS CANTOS

263

O Romper d'Alva.	Pag.	235
A Tarde .		241
A Noite	...	247
Te Deum		251
Adeos aos meos Amigos		253
Nota.		257



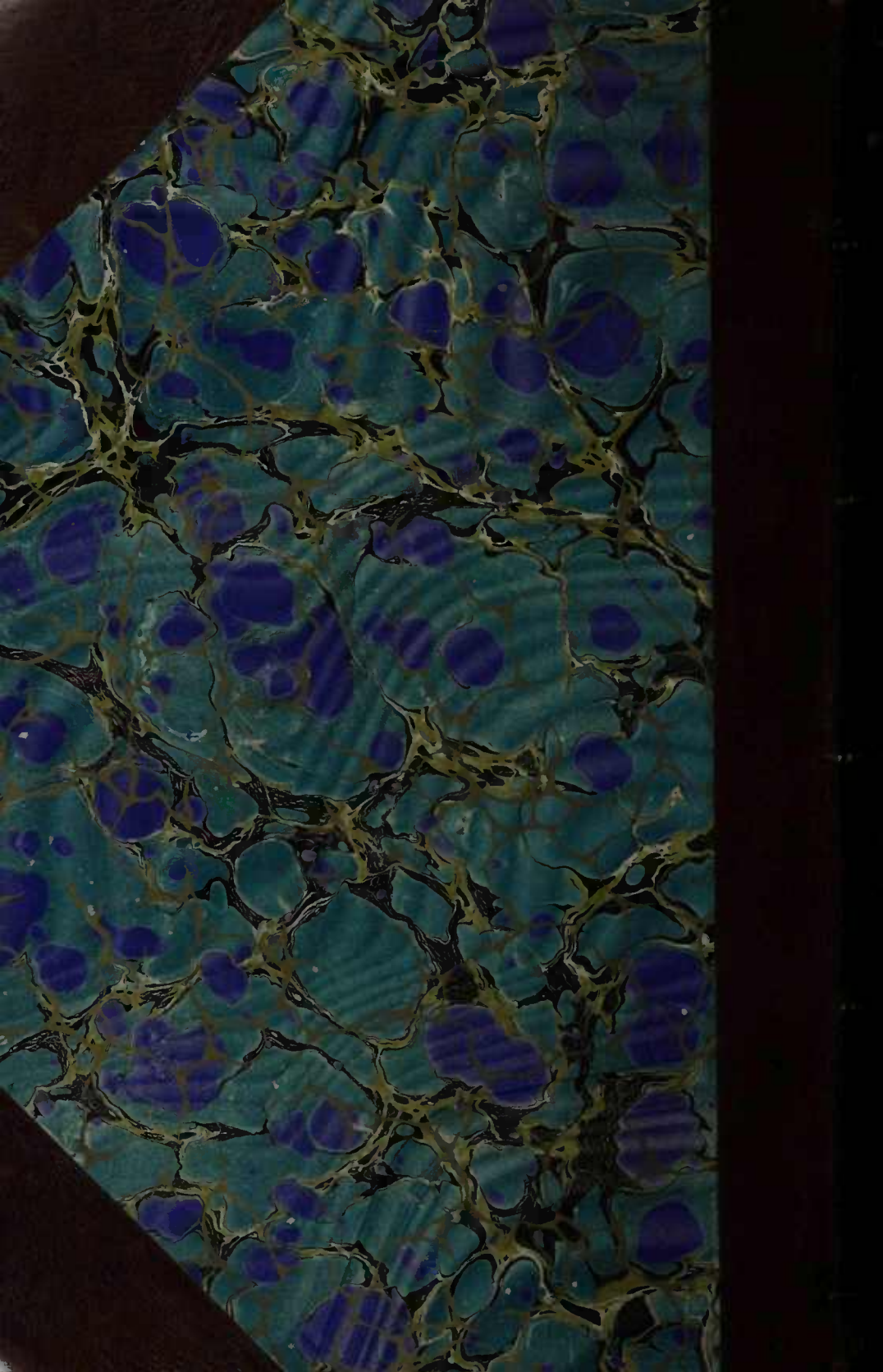
## ERRATAS\*

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
49	3	a'çada	alçado
152	5	Cantos	Cantor
167	9	progrede	progride
198	10	portentosa e baixa,	portentosa, e baixa,
255	10	Duvida	Duvida

Nesta tabella aponto apenas os erros de maior momento.







## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).